



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Redeenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

Aline Figueredo de Araújo

FRAGILIDADE DAS RELAÇÕES SOCIAIS COMO FATOR DE RISCO DE SUICÍDIO EM UNIVERSITÁRIOS USUÁRIOS DO FACEBOOK

Palmas – TO

2018

Aline Figueredo de Araújo

FRAGILIDADE DAS RELAÇÕES SOCIAIS COMO FATOR DE RISCO DE
SUICÍDIO EM UNIVERSITÁRIOS USUÁRIOS DO FACEBOOK

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II elaborado e apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Profa. Dra. Irenides Teixeira.

Palmas – TO

2018

Aline Figueredo de Araújo

FRAGILIDADE DAS RELAÇÕES SOCIAIS COMO FATOR DE RISCO DE
SUICÍDIO EM UNIVERSITÁRIOS USUÁRIOS DO FACEBOOK

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II
elaborado e apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de bacharel em Psicologia
pelo Centro Universitário Luterano de Palmas
(CEULP/ULBRA).

Orientadora: Profa. Dra. Irenides Teixeira.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Irenides Teixeira

Orientadora

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Profa. Me. Cristina D’Ornellas Filipakis Souza

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof. Me. Sonielson Luciano de Sousa

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Palmas – TO

2018

A Deus, pela infinita graça que me envolveu constantemente e à minha família, pelo suporte e encorajamento.

AGRADECIMENTOS

Àquele que me deu a vida e “é poderoso para fazer infinitamente mais do que pedimos ou pensamos” (Efésios 3:20). Todos os demais agradecimentos apontam para Ele, tendo em vista que faz “todas as coisas cooperarem para o bem daqueles que O amam” (Romanos 8:28). Deus manifestou Sua graça em cada um dos dias da graduação em Psicologia e muito mais naqueles referentes à conclusão do curso. Foram incontáveis favores e só me resta agradecer: Obrigada, meu Pai!

Cada uma das pessoas mencionadas a seguir refletem o cuidado de Deus e início pela minha família. Agradeço a Maglene e Benedito, meus pais, que sempre me fizeram perceber o ato de estudar como uma possibilidade de crescimento pessoal e profissional; que acreditaram em mim e me incentivaram a prosseguir mesmo quando a caminhada esteve árdua; que intercederam e celebraram comigo as vitórias até aqui. Agradeço a Bruno, meu irmão que me acompanhou nos momentos de exaustão e nas formatações de trabalhos, inclusive pelas madrugadas e principalmente nesta pesquisa. À Manassés, meu irmão caçula que sempre pronunciou palavras de bênçãos a meu respeito, me encorajando a persistir. Vocês foram fundamentais nesse processo!

À Nair e Raimundo, avós maternos que sempre se preocuparam e cuidaram de mim, mesmo à distância e se alegraram com as minhas conquistas. Rosalina e Matias, avós paternos (*In Memoriam*), embora tenham partido, fazem parte da minha história, de quem eu sou e por isso expresso também a minha gratidão. E aos meus tios e primos paternos e maternos, que acreditaram, incentivaram e se orgulharam da minha jornada.

À minha orientadora, Profa. Dra. Irenides Teixeira pela paciência e incentivo para que este trabalho se desenvolvesse, mesmo quando eu parecia não conseguir avançar. Suas orientações foram úteis para além dessa pesquisa; elas acrescentaram à minha vida pessoal.

À Profa. Me. Cristina D’Ornellas Filipakis Souza, pelas contribuições que enriqueceram este trabalho e, oportunamente, agradeço pelas experiências compartilhadas no Estágio em Processos Clínicos; eu não teria escolhido outra supervisora!

Ao Prof. Me. Sonielson Luciano de Sousa, pelas sugestões a este trabalho e pela maestria com a qual conduziu as disciplinas de Filosofia e Antropologia, expondo autores e conteúdos que ampliaram minha capacidade crítica e despertaram o interesse pela temática explorada nesta pesquisa.

À Profa. Me. Fabiana Fleury Curado, cuja ministração admirável da disciplina de Psicologia da Saúde contribuiu para que eu realizasse estudos específicos sobre as variáveis influentes à qualidade de vida.

Ao Prof. Dr. Pierre Soares Brandão, pelos ensinamentos em Instrumentalização Científica e, junto ao Prof. Me. Fabiano Fagundes, pelas relevantes orientações para a Pesquisa em Psicologia – os conhecimentos adquiridos nessas disciplinas foram essenciais para este trabalho. Em especial, meus agradecimentos ao Laboratório de Apoio à Instrumentalização Científica (LAIC) pela disponibilização do modelo de projeto de pesquisa que indubitavelmente facilitou a realização desta.

Às participantes da pesquisa, pelo tempo disponibilizado e histórias compartilhadas que me ensinaram para além deste trabalho. Sem vocês ele não teria sido desenvolvido!

Ao Laboratório de Medidas em Avaliação Psicológica (LAMAP), pelo apoio com os testes utilizados na coleta de dados da pesquisa.

À Profa. Mestre Muriel Corrêa Neves Rodrigues, pela empatia e prontidão quanto às supervisões do Estágio em Processos de Prevenção e Promoção da Saúde; eu não teria escolhido outra supervisora!

À Profa. Me. Lauriane dos Santos Moreira, cujos conhecimentos compartilhados na disciplina de Psicologia Comunitária contribuíram ao meu interesse pelo estágio na área do Desenvolvimento Social e mostraram que podemos colaborar à transformação dos nossos contextos, enfatizando a resiliência quando parecer ser um “trabalho de formiguinha”.

À supervisora de campo Alyne Aires Oliveira Rocha, pelos materiais didáticos que enriqueceram este trabalho, pela compreensão e experiências compartilhadas no estágio que me ensinaram pessoal e profissionalmente.

Às supervisoras de campo Fernanda Gomes de Oliveira e Adriele Freire Monteiro, sempre compreensíveis e dispostas a acolherem inquietações e sugestões. Suas posturas humanizadas fizeram toda a diferença no estágio em clínica!

Ao Centro Universitário Luterano de Palmas / Universidade Luterana do Brasil, sem dúvidas a melhor Instituição de Ensino Superior privada da região norte do Brasil e a melhor que Deus poderia ter me proporcionado ingressar!

Ao melhor curso de bacharelado em Psicologia e às coordenadoras excepcionais que constantemente aprimoram o contexto da nossa formação, Dra. Irenides Teixeira e Me. Cristina D’Ornellas Filipakis Souza.

Aos meus professores da Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio e Superior – os melhores instrutores que eu poderia ter e que fazem parte desse trajeto. E especialmente aos professores da graduação, os mais compreensíveis, humanos e competentes. Deus me deu os professores mais incríveis!

À Cândia Silva, pelos materiais didáticos compartilhados e muito mais pelo suporte emocional, pelos abraços reconfortantes, prontidão indescritível e encorajamento.

À Paula Beatriz, por compartilhar materiais didáticos e palavras de ânimo e empatia nos momentos difíceis que surgiram no percurso até aqui.

À Gleycielle Magalhães, por compartilhar informações e dicas que facilitaram a elaboração do projeto de pesquisa.

Aos companheiros de disciplinas, trabalhos, estágios e projetos de extensão, pelas experiências compartilhadas e especialmente pelos momentos descontraídos que propiciaram as melhores risadas.

À Ester Borges, pela contribuição que tornou nossos trabalhos acadêmicos excepcionais e pela amabilidade que sempre melhorou meus dias.

À Elisângela Lima, pela amizade para além da universidade e pela possibilidade de compartilharmos as dificuldades e vitórias.

Ao Pastor José Denizar e família, pelas orações e auxílio de todas as formas, e em especial pelo transporte à cidade e local de prova que me possibilitaram ingressar na universidade.

À irmã Ana Nunes e família pelo suporte quando eu e minha família mudamos de cidade, bem como pela disponibilização do acesso à internet para que eu me inscrevesse e acompanhasse o processo seletivo para graduação no Ensino Superior.

Ao irmão Zilberto e ao Professor Josivaldo, por contribuírem ao meu deslocamento até à universidade.

Aos irmãos em Cristo que me ajudaram em orações e ações, desde a procura de uma nova residência até às profecias de bênçãos, bem como glorificaram a Deus comigo pelas Suas providências.

Àqueles que me ajudaram de todas as formas e que seria impossível mencionar aqui, minha infinita gratidão.

Àqueles que porventura não citei o nome, minhas desculpas e reiteração: a ausência de menção aqui não implica em desconsideração a todo suporte dispensado a mim. Sou infinitamente grata, pelo mínimo ato empático e encorajador.

“Como fica forte uma pessoa quando está segura de ser amada”!
(SIGMUND FREUD).

RESUMO

ARAÚJO, Aline Figueredo de. **Fragilidade das relações sociais como fator de risco de suicídio em universitários usuários do Facebook**. 2018. 86 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2018.

A contemporaneidade imprime novas configurações à sociedade e as características desse contexto podem influenciar as relações sociais e impactar a saúde psíquica dos indivíduos, enfatizando-se aqui o público juvenil. Portanto, o trabalho propõe a discussão acerca da fragilidade das relações sociais e o uso ativo do Facebook (FB) como fatores de risco de suicídio em universitários. O estudo foi caracterizado como pesquisa aplicada em campo, de natureza qualitativa e objetivo metodológico exploratório. Os instrumentos utilizados foram a Escala de Ideação Suicida de Beck (BSI), Entrevista Semiestruturada e observação dos perfis das participantes no FB. Foram selecionadas três universitárias, com idade entre 18 e 29 anos, que apresentaram histórico de ideação e/ou tentativa de suicídio e possuíam perfil no FB. Os resultados indicaram que a fragilidade das relações sociais pode ser fator de risco do suicídio, embora não tenha sido possível estabelecer correlação com o uso ativo de redes sociais.

Palavras-chave: Relações sociais. Jovem. Rede social. Suicídio.

ABSTRACT

Contemporaneity implies new configurations to society and the characteristics of this context can influence social relations and impact the psychic health of individuals, emphasizing here the youth public. Therefore, the work proposes the discussion about the fragility of social relations and the active use of Facebook (FB) as risk factors for suicide in university students. For that, the study was characterized as applied field research, of qualitative nature and exploratory methodological objective. The instruments used were the Beck Scale for Suicide Ideation (BSI), Semistructured Interview and observation of the profiles of the participants in the FB. Three university students, aged between 18 and 29 years, who had a history of ideation and / or suicide attempt and had a profile in FB were selected. The results indicated that the fragility of social relations may be risk factors for suicide, although it was not possible to establish a correlation with the active use of social networks.

Keywords: Social relations. Young. Social network. Suicide.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Reações do Facebook.	27
Quadro 2 – Principais fatores de risco para o suicídio.	33

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Utilização do Facebook - Jasmine.	47
Tabela 2 – Utilização do Facebook - Lily.	50
Tabela 3 – Utilização do Facebook - Rose.	51
Tabela 4 – Escores das participantes na BSI.	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BSI	Beck Scale for Suicide Ideation
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CEULP/ULBRA	Centro Universitário Luterano de Palmas / Universidade Luterana do Brasil
CFP	Conselho Federal de Psicologia
FB	Facebook
J.	Jasmine
L.	Lily
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
R.	Rose
RS	Redes Sociais Digitais
SATEPSI	Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos
SEPSI	Serviço-Escola de Psicologia
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1 RELAÇÕES SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE.....	17
2.2 A JUVENTUDE NO CONTEXTO PÓS-MODERNO.....	22
2.3 REDES SOCIAIS: O FACEBOOK	26
2.4 SUICÍDIO.....	30
3 PERCURSO METODOLÓGICO	35
3.1 DESENHO DO ESTUDO	35
3.2 PROCEDIMENTO	35
3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA	35
3.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	36
3.5 VARIÁVEIS.....	37
3.6 INSTRUMENTOS	37
3.7 ASPECTOS ÉTICOS	39
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	41
4.1 VÍNCULOS SOCIOAFETIVOS.....	41
4.2 UTILIZAÇÃO DO FACEBOOK.....	46
4.3 IDEAÇÕES SUICIDAS	52
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS	61
APÊNDICES	74
ANEXOS	84

1 INTRODUÇÃO

A transição da modernidade para a contemporaneidade foi demarcada pelo questionamento das promessas modernas de liberdade e autonomia. Tendo em vista a influência do liberalismo especialmente sobre a economia, bem como a dinâmica do contexto estabelecido no pós-guerra, houve a exacerbação da liberdade. A partir da reestruturação financeira que sucedeu a Segunda Guerra Mundial, o movimento de consumo foi intensificado e fomentou o individualismo, refletindo no âmbito interpessoal.

Tendo-se estabelecido a conjuntura contemporânea, destacam-se marcas de um contexto líquido, característica que designa mudança constante (BAUMAN, 2001). Tal instabilidade, vivenciada no âmbito das relações sociais, gera ansiedade no sujeito que, embora possa desfrutar de liberdade – tendo em vista que o modo de vida contemporâneo permite romper com a ideia de solidez –, sente-se inseguro pela ausência de estabilidade e relações sólidas. Autores como Bauman (2001), Giddens (2002) e Debord (1997) destacam características que a contemporaneidade imprime às relações sociais, tais como a fragilização das relações pessoais, individualismo e insegurança.

Se a dinâmica do cenário supracitado exerce influência sobre o sujeito contemporâneo, destacam-se as implicações à juventude. A princípio, percebe-se que não há consenso acerca do referido conceito. Porém, utiliza-se aqui a concepção de ser um período marcado por modificações biopsicossociais.

Dadas essas circunstâncias, observa-se que desde a infância o contexto de extensas rotinas de trabalho dos pais propicia que os jovens desfrutem de pouco tempo em companhia dos genitores (BIRMAN, 2006). Somado a isso, de certo modo são privados de liberdade, considerando questões de segurança. Observa-se então a compensação material das ausências supracitadas, com ênfase a aparatos tecnológicos que propiciam a imersão dos filhos no mundo digital. É neste meio que as crianças e jovens buscam modelos identitários. Contudo, é um ambiente instável, como outros domínios de um período líquido, que se altera com facilidade (BAUMAN, 2001) e, portanto, não fornecem bases seguras para a constituição da identidade, de um sentido de si mesmo, de autoconsciência e uma noção idiossincrática (MAHEIRIE, 2002).

A virtualização que atinge o domínio das relações sociais pode ser observada através das redes sociais digitais, como o Facebook. O uso de tais redes pode ser percebido como uma forma de manter relações sem aprofundar-se nas tais pela incerteza de reciprocidade e podendo desfazer-se facilmente daquelas que se tornarem indesejáveis

(BAUMAN, 2011). Não relegando a contribuição das redes sociais à comunicação à distância e mesmo aos relacionamentos interpessoais, percebe-se que em um contexto líquido a intensificação da virtualização pode ratificar a fragilização das relações sociais, dada a preferência por relacionamentos virtuais.

Considerando a possibilidade de encontrar no ambiente virtual um espaço propício à exposição pessoal ou mesmo de perfis idealizados, pode-se apresentar um caráter de concorrência, percepção de inferioridade e menos felicidade (CHOU; EDGE, 2012), além de competitividade naquelas redes. Tais condições podem influenciar a saúde mental (RSPH, 2017) e, somadas a incerteza que permeia a contemporaneidade e reflete no estabelecimento de relações próximas, pode-se estabelecer um contexto propício ao adoecimento psíquico e a condições extremas como o suicídio.

Embora seja uma temática complexa, que envolve múltiplos fatores, as configurações contemporâneas que propiciam a fragilização dos laços afetivos com pais e outras pessoas ao mesmo tempo em que a virtualização das relações sociais se sobrepõe àqueles relacionamentos podem ser influentes no processo que desencadeia o autoextermínio. Dessarte, especialmente os jovens são afetados por estarem em um período de transição permeado por mudanças sociais e biopsíquicas substanciais. Estatísticas globais chamam atenção para os elevados índices do fenômeno, buscando-se evidenciar a relevância das relações sociais como fatores de proteção ao sujeito.

Portanto, essa pesquisa foi realizada com o objetivo de identificar se a fragilidade das relações sociais e o uso ativo de redes sociais são fatores de risco de suicídio em jovens universitários. Verificou-se os índices de ideação suicida, a frequência, modo e finalidade da utilização do Facebook (FB) e a qualidade dos vínculos socioafetivos de universitários entre 18 e 29 anos.

A pesquisa foi aplicada em campo, de natureza qualitativa e objetivo metodológico exploratório. Caracterizada como pesquisa de levantamento, utilizou-se a Escala de Ideação Suicida de Beck (BSI), Entrevista Semiestruturada (Apêndice D) e observação dos perfis das participantes no Facebook. A amostra inicial previa entre 5 e 10 participantes, no entanto, foram selecionadas apenas três universitárias, com idades de 23 e 24 anos, devido a ajustes metodológicos que culminaram na diminuição do tempo para coleta de dados. Cumprindo com os requisitos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos, este trabalho foi realizado após submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do CEULP, obtendo parecer favorável.

Para tanto, dividiu-se o referencial teórico em quatro capítulos. No primeiro, discute-se acerca das relações sociais na contemporaneidade, também denominada modernidade líquida (BAUMAN, 2001), modernidade tardia (GIDDENS, 2002) e pós-modernidade (HALL, 2006).

O segundo capítulo trata sobre a juventude contemporânea. De acordo com Pinto (2017), especificamente no Brasil, a média de idade para uma pessoa ser considerada jovem é de 37 anos. Portanto, a princípio, especifica-se quanto ao termo, uma vez que adolescência e juventude podem ser utilizados como sinônimos. Demarca-se ainda a faixa etária a ser estudada, considerando que diferentes autores especificam períodos distintos.

No terceiro capítulo, abordam-se aspectos das redes sociais estabelecidas na internet, dando ênfase ao Facebook. Considerando a incerteza que perpassa o estabelecimento de vínculos na contemporaneidade, as redes sociais digitais podem ser preferidas pelo distanciamento e possibilidade de exclusão dos “incômodos” (BAUMAN, 2011).

O último capítulo, sobre o suicídio, traz reflexões acerca de estudos realizados por sociólogos como Marx (2006) e Durkheim (2000), relacionando estes estudos com aspectos que podem ser percebidos na contemporaneidade. Enfatiza-se ainda a dinâmica que pode culminar em comportamentos suicidas no público juvenil.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 RELAÇÕES SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE

O advento da modernidade foi demarcado por movimentos de “[...] revolução, progresso, emancipação [...] [e] desenvolvimento [...]” (KOSELLECK, 1979 apud HABERMAS, 2000, p. 12). Os pressupostos liberais iluministas que propuseram também um cenário de progresso da economia (BASSALOBRE, 2010) implicaram no surgimento do liberalismo econômico cujas premissas são apresentadas em Prioste (2013) mencionando Smith (1776/2001) e Dufour (2007). Em síntese, aquela autora pontua que a iniciativa individual na esfera comercial propunha a liberdade e a busca ilimitada de interesses pessoais, o que culminaria em automática prosperidade social.

No entanto, a partir do fim da Segunda Guerra Mundial houve a desestabilização dos pressupostos modernos e suas suposições de previsibilidade e explicação universal dos fenômenos (NICOLACI-DA-COSTA, 2004). A degradação ambiental, o autoritarismo, a utilização de energia nuclear para o desenvolvimento de armas e o irrompimento de guerras, bem como o desequilíbrio da economia amplificaram a insegurança no sujeito (GIDDENS, 1991), agora incumbido de direcionar a própria vida em decorrência da dissolução das estruturas que impunham um saber absoluto (MELO; DONATO, 2011).

O questionamento acerca das promessas modernas propiciado no pós-guerra demarcou o início do período contemporâneo e especialmente no âmbito econômico definiu-se um conjunto de estratégias traçadas internacionalmente, contribuindo à recuperação em um movimento de aproximação financeira entre os países e promovendo a expansão do capitalismo (GASPAR, 2015).

Os fatos ora descritos implicaram no estabelecimento de uma conjuntura de incertezas pela ausência de predeterminações tradicionais (LIPOVETSKY, 2012). Por outro lado, o movimento emancipatório e o centramento no sujeito encontraram no novo cenário globalizado um ambiente propício à sua exacerbação. De acordo com Marcuse (1973), tendo os ideais de liberdade e progresso sido “institucionalizados” (ibid., p. 23), as “[...] necessidades individuais e o direito destas à satisfação ficam sujeitos a padrões críticos predominantes” (ibid., p. 26). Com a nova organização financeira capitalista, instaura-se o movimento de consumismo.

De maneira distinta do *consumo*, que é basicamente uma característica e uma ocupação dos seres humanos como indivíduos, o *consumismo* é um atributo da *sociedade*. Para que uma sociedade adquira esse atributo, a capacidade profundamente individual de querer, desejar e almejar deve ser, tal como a

capacidade de trabalho na sociedade de produtores, destacada (“alienada”) dos indivíduos e reciclada/reificada numa força externa que coloca a “sociedade de consumidores” em movimento e a mantém em curso como uma forma específica de convívio humano, enquanto ao mesmo tempo estabelece parâmetros específicos para as estratégias individuais de vida que são eficazes e manipula as probabilidades de escolha e conduta individuais (BAUMAN, 2008b, p. 41, grifo do autor).

A partir do breve panorama acerca da modernidade e sua transição para a contemporaneidade, destaca-se que este trabalho contempla concepções que remetem a Bauman (2001; 2004), Giddens (2002) e Hall (2006). Ambos, embora utilizem conceitos distintos – como modernidade líquida, modernidade tardia e pós-modernidade, respectivamente –, apontam semelhantes características do mundo contemporâneo, compreendido em suas implicações pelo consumismo e individualismo.

Bauman (2001) considera que a liquidez é a marca da conjuntura contemporânea, sugerindo que o contexto é instável e pode alterar-se fácil e rapidamente. Os tempos líquidos refletem tal característica tanto no âmbito social como no econômico, afetivo e psíquico. No que diz respeito aos fluidos, destaca-se a adaptabilidade instantânea ao espaço, o que redundará em uma alteração da sua forma (ibid., 2001). Desse modo, demanda-se resiliência, ou seja “[...] a capacidade do indivíduo de recuperar-se de / fazer frente à / lidar positivamente com a adversidade” (TABOADA; LEGAL; MACHADO, 2006, p. 105). No entanto, nem todos dispõem da rapidez e flexibilidade requerida a cada mudança, fato que pode implicar em dificuldades em diversos âmbitos. Portanto, neste trabalho é enfatizado o domínio socioafetivo, considerando suas implicações à dimensão psíquica.

A socioafetividade pode ser compreendida de modos distintos, de acordo com a área do conhecimento. Segundo o Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância (NCPI, 2014) as relações socioafetivas são aquelas constituídas entre o sujeito e a sua família e demais pessoas que fazem parte do contexto em que está inserido. Essas relações consistem ainda de reciprocidade (MOLINARI, 2012). Já as relações sociais englobam “[...] todas as dimensões da vida social, desde o amor e a amizade até as práticas comerciais e os sistemas legais” (SLOAN, 2009, p. 228). Na contemporaneidade, a instabilidade e a incerteza observadas no âmbito socioafetivo são potenciais fragilizadores psíquicos.

No referido cenário, o indivíduo vivencia insegurança e receio diante da imprevisibilidade (GIDDENS, 2002). De acordo com o autor, a apreensão quanto a conjuntura social existiu em épocas antecedentes à contemporaneidade, distinguindo-se

pelo modo como se manifesta. Considera-se que o sujeito pós-moderno não acredita em nada, tampouco consegue visualizar uma trajetória que o mundo estaria seguindo pois a perspectiva lhe reflete apenas um vazio (PONDÉ, 2006). O mesmo autor ainda comenta as proposições do sociólogo Bauman, mencionando a necessidade de uma “ética para o inverno”. Quando Bauman (2001) cita Ralph Waldo Emerson, evidenciando que “ao patinar sobre gelo fino, nossa segurança está em nossa velocidade” (EMERSON, 1906, p. 21), sugere-se que “[...] diminuir a velocidade significa ser deixado para trás; [...] também significa a ameaça real de afogar-se” (BAUMAN, 2001, p. 239). Portanto, Pondé (ibid., 2006) finaliza que o sujeito não dispõe de tempo para estacionar e além da necessidade de correr – ainda que em direção ao vazio –, precisa fazê-lo velozmente.

Observa-se que a sociedade, outrora sobremodo lenta em modificar-se, reverteu-se em um contexto de mudanças aceleradas e dúvidas pela multiplicidade de possibilidades (BOTTON, 2013) e velocidade com a qual são disponibilizadas. De acordo com o autor, o sujeito percebe-se em constante hesitação acerca de suas escolhas, uma vez que a diversidade de opções implica em diversidade de consequências – escolhe-se um trabalho, mas talvez haja outro melhor; opta-se por morar em um local mas poderia-se escolher um mais favorável e assim sucessivamente –, fato potencialmente desencadeador de crises.

Segundo Bauman (2007a, p. 7) “[...] as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo [...]”. Uma vez que os modelos de referência se alteram com maior frequência, desencadeia-se insegurança no sujeito que também já não pode desenvolver projetos e “[...] estratégias existenciais a longo prazo [...]” (ibid., p. 7).

Além das características apontadas, observa-se que os tempos líquidos são demarcados pelo consumismo impulsionado por uma conjuntura capitalista, cuja “[...] regra do mercado de bens [...] [é transplantada] para o domínio dos vínculos humanos” (BAUMAN, 2008b, p. 31-32). Consumir implica em pertencimento – a um grupo, a uma classe – e fazê-lo rapidamente mantém o movimento do capitalismo, uma vez que se propõe a constante substituição dos itens tão logo se tornem obsoletos ou indesejáveis. Semelhantemente, o sujeito contemporâneo

[...] deve ser superficial nos contatos humanos e *blasé* em relação a projetos pessoais ou extrapessoais duradouros. A primeira lição do novo mundo dos negócios é o desapego a pessoas [...], tradições étnicas, religiosas ou políticas [...]. A identidade do indivíduo configurada pelo mapa do mercado é a do “desenraizado” (COSTA, 2005, p. 163-164, grifo do autor).

No domínio afetivo, observa-se a dificuldade em estabelecer vínculos seguros ou duradouros, tendo em vista a imersão em um contexto fluido, frágil e transitório (BAUMAN, 2004). As relações podem se tornar antiquadas e, portanto,

[...] Só as mais superficiais das raízes, se tanto, são lançadas. Só relações epidérmicas, se tanto, são iniciadas com as pessoas dos lugares. Acima de tudo, não há nenhum comprometimento do futuro, nenhuma incursão em obrigações de longo prazo, nenhuma admissão de alguma coisa que aconteça hoje para se ligar ao amanhã [...] (BAUMAN, 1998, p. 115).

Percebe-se ainda que a obsolescência favorece a exacerbação individualista, “[...] mantendo indivíduos em estados regredidos de funcionamento narcísico” (OLIVEIRA; TORRES, 2014, p. 123). De acordo com Freud (1914) o estado em que a energia psíquica volta-se para o indivíduo é normal em determinado período do desenvolvimento, sendo que aquela deve ser direcionada a outros objetos no decorrer deste processo. No entanto, dadas as circunstâncias fluidas da sociedade, pode-se experimentar desnorreamento e abandono que redundam no retorno daquela energia ao ego (COSTA, 1988).

Considerando que nas relações contemporâneas a reciprocidade é incerta, investir a energia libidinal em objetos externos ao ego – empobrecer-se para depois satisfazer-se (FREUD, 1914) – é semelhantemente duvidoso, contribuindo ao estado narcísico no qual “[...] só [há necessidade] do outro como instrumento de confirmação do próprio eu” (OLIVEIRA; TORRES, 2014, p. 124) e “[...] para validar sua autoestima” (LASCH, 1983, p. 30). De acordo com Karnal (2017), “o Século XXI é o século do indivíduo, do narciso” e “a marca da contemporaneidade é a centralização no indivíduo”, fatos que encontram na lógica consumista um contexto propício pelas propostas de satisfação pessoal ilimitada.

Em meio às condições contemporâneas mencionadas, a identidade do sujeito é questionada. Ao referir-se a esse conceito, entende-se que diz respeito à “[...] resposta para algo exterior e diferente [...]” (FORTES, 2013, p. 32), um sentido de si mesmo, de autoconsciência e uma noção idiossincrática (MAHEIRIE, 2002). Segundo Bauman (2005, p. 74-75) a identidade “[...] não pode ser constituída senão por referência aos vínculos que conectam o eu a outras pessoas e ao pressuposto de que tais vínculos são fidedignos e gozam de estabilidade com o passar do tempo”. Em meio a liquidez, percebe-se a exponencialização da mutabilidade e do potencial de crises relacionados ao processo identitário (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999; ERIKSON, 1987).

Voltando-se especialmente a juventude contemporânea, demarcam-se as mesmas características dos sujeitos envolvidos nesse cenário: livres, embora inseguros pela responsabilidade de arcar com as consequências de seus atos (BAUMAN, 2008a). No que

tange às relações pessoais, Bauman (2001; 2007b) destaca o medo de se relacionar com o outro desconhecido. Para o autor, não obstante o receio pela condição de estranho, não há o desejo de aprofundar-se nas relações considerando que relacionar-se pressupõe um estado de troca e reciprocidade, o que não é garantido em um contexto de volatilidade. O envolvimento é preterido em favor da superfluidade que permite fácil dissolução, tão logo qualquer tipo de relação torne-se indesejável ou ultrapassada.

Uma vez que o contato face a face eleva o potencial de implicação dos envolvidos, recorre-se a uma interação o mais breve e superficial possível, pois não há o desejo de comprometer-se (BAUMAN, 2007b). Em um meio líquido, pode-se valer ainda da virtualização – o uso da internet e/ou aparatos tecnológicos. É possível relacionar-se com outros, até mesmo estranhos, resguardando-se atrás de uma tela de computador ou *smartphone* (ORNISH, 1998) – são jovens livres de compromisso, que se distanciam do mundo físico para proteger-se e ainda assim sentem-se inseguros. E, ao mínimo sinal de inconveniência, interrompe-se o contato mediante um clique – o que não se faria facilmente em relações estabelecidas face a face – afinal, a comunicação virtual em suas múltiplas possibilidades pode viabilizar o estabelecimento de novos relacionamentos superficiais e facilmente descartáveis (BAUMAN, 2011).

Bauman (2004, p. 52) ressalta que a impermanência “[...] [marca] todas as espécies de vínculos sociais [...]”. O mesmo autor assinala ainda que “Um exame ponderado dos dados fornecidos pelas evidências da vida [...] [revela] repetidamente a perpétua inconstância das regras e a fragilidade dos laços” (ibid., p. 53).

Nesse contexto, Birman (2006) ressalta a fragilização dos jovens, em decorrência da diminuição da convivência pessoal com pares e/ou comunidade. Imersa majoritariamente no mundo virtual, a juventude, de acordo com o autor, fica alheia às contrariedades das relações comunitárias, e, conseqüentemente, não desenvolve a capacidade de lidar com adversidades.

As marcas da contemporaneidade dispõem a constituição de um sujeito sem apego interpessoal, territorial ou a convicções (COSTA, 2005). Tratando-se da dimensão socioafetiva da juventude contemporânea, a esquiva das interações face a face interfere ainda na experimentação da intimidade e da “[...] dimensão *humana* [...] [dessa] interligação [...]” (ORNISH, 1998, p. 122, grifo do autor). Ainda sob a ótica do autor, embora o convívio social com intimidade seja raro nessa época, “quando nos sentimos amados, bem cuidados, apoiados e íntimos, temos maior probabilidade de ser feliz e de ter saúde” (ibid., 1998, p. 32).

Cardoso (2013, p. 90) afirma “[...] que a interação social, e conseqüentemente a percepção de apoio que advém desse meio, são concebidas como importantes ferramentas no que tange ao processo de saúde e doença [...]”. O suporte social percebido pelos indivíduos diz respeito à existência ou disponibilidade de pessoas em quem se pode confiar e que demonstram preocupação, valorização e amor (SARASON et al., 1983). Cardoso (ibid., p. 92) ressalta ainda que “[...] quando percebido de forma benéfica e reforçadora, o suporte social pode desempenhar função amortecedora contra eventos adversos e estressores, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida”.

Embora a ambigüidade dos relacionamentos contemporâneos possa ser difícil de solucionar (BAUMAN, 2005), o mesmo autor ressalta que

[...] precisamos de relacionamentos aos quais possamos referir-nos no intuito de definirmos a nós mesmos. [...] precisamos deles, precisamos muito, e não apenas pela preocupação moral com o bem-estar dos outros, mas para o nosso próprio bem, pelo benefício da coesão e da lógica de nosso próprio ser (ibid., p. 75).

Um estudo prospectivo realizado com homens de Harvard durante 75 anos corrobora a necessidade apontada por Bauman. Apresentando as conclusões principais desse estudo em um vídeo apresentado no TED, Waldinger (2015) afirma que “bons relacionamentos nos mantêm felizes e ponto final”. O autor acrescenta que “As pessoas que estão mais conectadas socialmente com a família, amigos e comunidade são mais felizes, fisicamente mais saudáveis e vivem mais do que as pessoas que têm poucas conexões. E não é apenas o número de amigos que você tem e não é se você está ou não em um relacionamento sério, mas sim a qualidade dos seus relacionamentos mais próximos que importa”.

Dessarte, entende-se que as relações estabelecidas na contemporaneidade implicam à saúde psíquica dos jovens, público que de acordo com a Health Service Company Cigna (CIGNA, 2018) tende a ser mais solitário e utilizar intensamente as mídias sociais. Embora essas mídias possam promover interações interpessoais, as evidências sugerem que a precedência de relacionamentos próximos, face a face é fundamental à saúde. Além dos apontamentos feitos até aqui, a constatação acerca das relações da juventude pode revelar as dinâmicas que predisõem a constituição de um jovem fragilizado e as possíveis implicações desse movimento.

2.2 A JUVENTUDE NO CONTEXTO PÓS-MODERNO

Um percurso pelas teorias de desenvolvimento humano permite identificar a existência de enfoques distintos sobre o tema. De acordo com Bee (1997), algumas teorias

especificam que o desenvolvimento envolve uma mudança direcionada, com objetivos a serem atingidos que culminam em modificações na estrutura biopsicossocial do sujeito e outras propõem que há transformações biológicas ou atribuições esperadas no desdobrar das idades, sem deter-se às demais variações que sucedem. A autora ressalta ainda que é possível encontrar a especificação de estágios e/ou faixas etárias correspondentes às mudanças físicas, psíquicas e sociais.

Embora o desenvolvimento humano seja especificado por enfoques distintos, ressalta-se que, de modo geral, relacionam-se aspectos biopsicossociais estudados interdisciplinarmente (PAULA; MENDONÇA, 2009). Desse modo, pode-se perceber divergências conceituais, como no caso da juventude, público estudado neste trabalho.

A princípio, destaca-se que Papalia e Feldman (2013) indicam a existência de oito estágios do ciclo de vida humana que podem ser genéricos no Ocidente. A juventude não é um deles, porém, as autoras utilizam o termo adolescência para abranger os sujeitos entre 11 e 20 anos de idade. Gomes (2014) afirma que os dois conceitos têm sido utilizados como sinônimos e embora não haja consenso na literatura, ambos se referem ao período que antecede a fase adulta. Esta fase, no entanto, também é relativa; uma pesquisa realizada com brasileiros e divulgada pela Folha de São Paulo (PINTO, 2017) revelou que a idade média que demarca o fim da juventude é 37 anos.

De acordo com a teoria, autor ou organização, percebem-se variações na classificação etária referente à juventude. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018b) estipula o período entre 15 e 24 anos para o estudo da população jovem. Por sua vez, o documento da OMS (WHO, 2014) referente à mortalidade juvenil por suicídio especifica a faixa entre 15 e 29 anos.

Tendo em vista a ausência de consenso quanto aos termos adolescência e juventude no que diz respeito à faixa etária ou acontecimentos que demarquem a fase, percebe-se a utilização de ambos como sinônimos. A despeito de um e outro, há apontamentos de um período marcado por intensas alterações biológicas e psíquicas, conflitos e rebeldia (FROTA, 2007; ERIKSON, 1987).

Para os fins deste trabalho, adotar-se-á a classificação etária demonstrada pela OMS (WHO, 2014). No entanto, demarca-se o período entre 18 e 29 anos. Tendo em vista que o estudo envolve universitários, percebe-se que a entrada na academia se inicia por volta dos 18 anos – quando ocorre imediatamente após a finalização do Ensino Médio –, justificando-se a delimitação supracitada. Portanto, no decorrer da pesquisa, será utilizada a nomenclatura juventude para abranger a faixa etária mencionada.

Sob a ótica de Birman (2006), a conjuntura contemporânea é perpassada pela fragilização das relações pessoais, individualismo, consumismo e fluidez. Conseqüentemente, a compreensão que se tem da juventude nesse período requer a exploração desses fatores.

A princípio, considera-se que o primeiro ambiente de socialização do homem seja a família. Bowlby (1989, p. 118) afirma que

[...] durante a primeira infância, os laços são estabelecidos com os pais (ou pais substitutos), que são procurados para proteção, conforto e suporte. Durante a adolescência saudável e a vida adulta esses laços persistem, sendo, no entanto, complementados por novos laços [...].

O papel desempenhado pelos pais é relevante para a estruturação da identidade do sujeito. O autor destaca ainda (ibid., p. 119) que “[...] um lar considerado base segura continua sendo indispensável para um funcionamento ótimo, assim como para a saúde mental”. No entanto, observa-se a ausência parental, na maioria das vezes, em virtude da rotina extensa de trabalho e em decorrência disso percebe-se a diminuição do investimento afetivo nas crianças (BIRMAN, 2006). Não se está afirmando que os pais que trabalham por longas horas semanais não possuem dedicação aos seus filhos. Porém, entende-se que o cansaço da rotina pode privá-los de dispensar às crianças sua presença por mais tempo diariamente.

Bowlby (2001, p. 178-179) afirma que “[...] existe uma forte relação causal entre as experiências de um indivíduo com seus pais e sua capacidade posterior para estabelecer vínculos afetivos [...]”, visto que a segurança encontrada na relação pais-filhos propicia a exploração do mundo externo e estabelecimento de relações com outras pessoas. Do contrário, o “[...] indivíduo que não possua tal base é um ser sem raízes e intensamente solitário” (ibid., p. 175). Desse modo, além das questões de segurança que interferem na convivência em comunidade (BIRMAN, 2006), o baixo investimento afetivo redundando em insegurança e esta somada àquela já presente no contexto líquido contribuem à fragilização dos indivíduos e do processo de estabelecer vínculos afetivos.

Tendo em vista a relativa ausência dos pais e a diminuição da convivência em ambientes externos à casa e à escola, a juventude encontra nos ambientes televisivo (BIRMAN, 2006) e virtual a ocupação do tempo. E os modelos de referência identitária e valores propagados nesses meios são as potenciais bases a partir das quais os jovens se constituem.

Contemporaneamente observa-se a difusão de um estilo de vida que remete a juventude (GOMES, 2014). Teixeira (2014, p. 40-41) enfatiza que os jovens são

percebidos como “[...] sujeitos atemporais, transitórios, construídos a partir do interesse pela novidade, extravagância, irreverência, espontaneidade, ousadia, rebeldia, exclusividade, diferença etc. – valores imputados aos jovens pelas tecnologias digitais”. No que tange aos recursos digitais, entende-se que compõem um conjunto de itens destinados àquele público e que implicitamente reforçam e estimulam modos de ser específicos a um jovem.

Nesse ponto, entende-se que tais bens, sejam objetos ou modos de ser e viver, tornam-se referências ao indivíduo e uma vez implicados pela lógica dominante da sociedade consumista, há infinitas alternativas – posto que se deve consumir com rapidez e tão logo substituir-se aquilo que se tornou ultrapassado. Dessarte, o movimento de substituição do que é ideal/não ideal, refletindo a liquidez da modernidade, aponta para a inconsistência identitária da juventude, uma vez que seus modelos de referência são volúveis.

Além de bens de consumo destinados à juventude, percebe-se que há um ideal de vida jovem que está além de uma faixa etária específica. De acordo com Sawyer et al. (2018), a adolescência se estende até os 24 anos, pelo atraso na transição de papéis. Ávila (2001, n.p.) sugere que “hoje é conveniente depender dos pais [...]” em termos financeiros, ao passo que Birman (2006) ressalta as implicações da entrada no mercado de trabalho. Os papéis e as características atreladas à juventude contribuem ao prolongamento do estágio pelos valores a ele associados, tais quais aqueles destacados por Teixeira (2014) e evidenciados por Pinto (2017).

Tendo em vista as circunstâncias que podem contribuir à fragilização da juventude, acrescenta-se o medo presente na sociedade. Como Bauman (2001) pontua, a convivência com o outro, com aquele que está para além dos muros que cercam as residências, é potencialmente ansiogênica. Teme-se a violência, o perigo do encontro com o estranho. De acordo com Birman (2006), além do relacionamento frágil com os pais, os jovens não experienciam o contato real com os outros, com os espaços públicos. Consequentemente, não desenvolvem a capacidade de lidar com as contrariedades da vida, uma vez que raramente expõem-se a situações reais em que tenham de enfrentá-las.

O mundo virtual torna-se então uma opção de convivência mais segura. Pode facilitar as relações – para os tímidos, por exemplo – e, “diante da insegurança [...] [oferecer] um espaço propício para obter reconhecimento de seus pares; um espaço no qual podem criar um mundo [...]” (GOMES, 2014, p 118). A intensificação da virtualização, no entanto, pode contribuir com o processo de fragilização dos jovens, já

implicados por uma conjuntura que propicia a superficialidade nas relações sociais, a exacerbação do narcisismo e estimula a competitividade.

2.3 REDES SOCIAIS: O FACEBOOK

O advento da internet pode ser datado em meados de 1950, nos Estados Unidos, quando se estabeleceu uma agência “[...] para favorecer a pesquisa no ambiente universitário e alcançar a superioridade tecnológica militar [...]” em prol da segurança do país (ARAYA; VIDOTTI, 2010, p. 16). Aliado à evolução da tecnologia, o desenvolvimento progressivo da internet impactou o cotidiano da sociedade, especialmente no âmbito das relações interpessoais.

A aproximação com o mundo digital ocorre desde os primeiros anos de vida, como indica uma pesquisa realizada em 2014 na qual 66% das crianças entre 3 e 5 anos de idade conseguiam jogar um jogo de computador e 47% eram capazes de navegar em um smartphone (AVG TECHNOLOGIES, 2014). Na mesma pesquisa, somente 14% daquelas crianças conseguiam amarrar seus sapatos e 23% podiam nadar sem auxílio, sugerindo a primazia do contato digital em detrimento de outras atividades.

De acordo com Kemp (2018), no primeiro trimestre de 2018 havia mais de quatro bilhões de usuários da internet no mundo, o equivalente a 54% da população global. No ano de 2016, 64,7% pessoas acima de 10 anos de idade utilizaram a internet no Brasil – sendo que 85% possuíam entre 18 e 24 anos – e o acesso foi realizado através de um celular por 94,6% dos usuários (IBGE, 2018a).

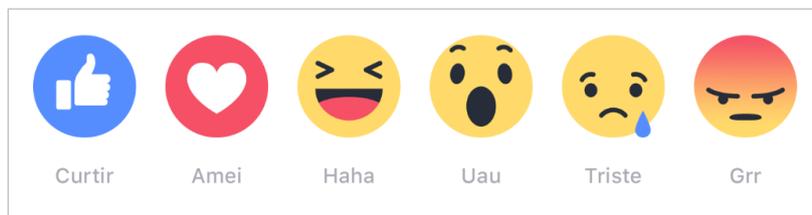
Dentre os meios utilizados para estabelecer interação através da internet, destaca-se as redes sociais digitais (RS). De acordo com Teixeira (2014, p. 42), o termo rede social precede o advento da internet, denotando “[...] as relações que se estabelecem entre elementos de um determinado sistema social [...]”. Por sua vez, as RS que se formam na internet remetem a ferramentas digitais utilizadas para mediar a interação entre aqueles que as utilizam (RECUERO, 2009). Neste trabalho, o termo RS refere-se as redes sociais digitais.

Estabelecidas por volta de 1990 (ROSA; SANTOS, 2015), essas RS influenciaram as configurações de relacionamento interpessoal, facilitando o acesso a pessoas de diferentes culturas, gerações e localidades. Entre março de 2017 e março de 2018, 390 milhões de pessoas se inscreveram em alguma plataforma social e estima-se que mais de três bilhões de pessoas no mundo utilizem alguma mídia social (KEMP, 2018).

A rede social explorada no contexto deste trabalho é o FB. Criada por Mark Zuckerberg em 2004, propõe o estabelecimento de uma comunidade, aproximando pessoas que compartilhem o que lhes é importante e estejam a par do que acontece mundialmente (FACEBOOK, 2018c). Considerada como uma das RS mais populares do mundo, passou de 58 milhões de usuários em 2007 a 360 milhões no final de 2009; já no fim do ano de 2010 haviam 600 milhões de pessoas conectadas e, em 2012, foi atingida a marca de mais de um bilhão de pessoas (FACEBOOK, 2018b).

Os usuários criam perfis nos quais podem inserir desde dados pessoais a interesses (livros, filmes, política, dentre outros) e acontecimentos. Pode-se optar por ter um perfil pessoal, no qual é possível adicionar até cinco mil pessoas a uma lista de amigos e/ou seguidores. A interação com outras pessoas pode dar-se através de mensagens, cutucadas e reações como “curtir”, “amei”, “haha”, “uau”, “triste” e “grr”, ambas correspondentes a um ícone gráfico, conforme o Quadro 1. Pode-se ainda interagir através de comentários. É possível publicar vídeos, inclusive realizando transmissões ao vivo, além de fotos ou textos. No campo de publicação, convida-se a expressar o que se está pensando, bem como é possível adicionar sentimentos e atividades dentre uma lista ou acrescentar novos, referenciando a um ícone correspondente.

Quadro 1 – Reações do Facebook.



FONTE: KRUG (2016).

A política do FB estabelece que seus usuários devem possuir 13 anos de idade ou mais (FACEBOOK, 2018a). Além de perfis pessoais, o FB possibilita que personalidades famosas, instituições e outros grupos criem páginas para o compartilhamento de uma gama de informações. O usuário da rede social pode ter à sua disposição notícias, conteúdo humorístico, dentre outros. Tratando-se do público juvenil, a motivação para criar um perfil no FB pode relacionar-se às informações disponíveis e/ou às possibilidades que a rede oferece.

Em pesquisa realizada no terceiro trimestre de 2017, a motivação de uso das mídias sociais em 42% dos usuários referia-se a manter contato com amigos (VALENTINE, 2018). Considerando que o FB propõe aproximar pessoas (FACEBOOK, 2018c), a função de adicionar amigos é uma das mais importantes. Como afirma Recuero

(2014, p. 117), “[...] ao permitir a manutenção, [...] [a RS] também facilita a associação com outros atores que não conhecemos ou que conhecemos muito pouco e com os quais dificilmente teríamos oportunidade de aprofundar os laços sociais”. As sugestões de adicionar pessoas com as quais se possui amigos em comum são um exemplo dessas associações.

Por outro lado, a mesma facilidade propiciada por mecanismos da rede para favorecer a conexão a muitas pessoas, por vezes pode funcionar como uma mera acumulação de nomes em uma lista. De acordo com Recuero (2004, p. 18),

[...] é possível acrescentar quem se deseja como amigo sem que exista qualquer tipo de interação social entre os envolvidos. Basta fazer o pedido e a outra parte aceitar, em uma relação puramente aditiva. A maioria dessas conexões é falsa no sentido de que não apresenta nenhum tipo de interação social [...].

A adição de amigos, sejam conhecidos ou não, implica ainda no acesso a recursos específicos.

O que é diferencial nos sites de redes sociais é que eles são capazes de construir e facilitar a emergência de tipos de capital social que não são facilmente acessíveis aos atores sociais no espaço offline. [...] [Em uma rede social] um determinado ator pode ter rapidamente 300 ou 400 amigos. Essa quantidade de conexões, que dificilmente o ator terá na vida off-line influencia várias coisas (RECUERO, 2009, p. 107).

Segundo a autora, a quantidade de amigos pode contribuir à construção de uma reputação e à popularidade. “Os 15 minutos de fama para qualquer pessoa aumentaram exponencialmente, e quem mais adota essa tecnologia são os jovens da geração digital” (GREENFIELD, 2011, p. 182). O compartilhamento de conteúdo imagético também é valorizado (TEIXEIRA, 2014), o que pode impulsionar a visibilidade (RECUERO, 2009). Nesse contexto, a mediação imagética das interações sociais se constitui em um “espetáculo” que modela o modo de vida na sociedade (DEBORD, 1997).

Compartilhar imagens, especialmente fotografias próprias tornou-se sobremaneira frequente de modo que, de acordo com o English Oxford Living Dictionaries (2013) a palavra do ano 2013 foi “*selfie*”, termo que teria sido utilizado pela primeira vez em 2002, em um fórum australiano na internet para indicar um autorretrato.

Em pesquisa realizada com 2,000 mulheres entre 16 e 25 anos em 2015, identificou-se que elas dedicavam mais de cinco horas semanais aos *selfies*, sendo necessários pelo menos sete cliques antes de chegar ao *selfie* perfeito (FEELUNIQUE.COM, 2015). De acordo com Teixeira (2014, p. 46), os jovens “[...] privilegiam a aparência – o que explica a força que as imagens alcançam nas redes”.

Debord (1997) e Baudrillard (1991) destacam a manutenção de perfis que remetem a um ideal de realização e/ou estilo de vida no qual a imagem desempenha papel

fundamental. Percebe-se que o FB é propício a esse movimento, uma vez que, estando sob as vistas de inúmeras pessoas – ainda que seja um perfil privado, ou seja, ao qual tenham acesso somente os amigos contidos na lista pessoal –, o sujeito tende a representar-se de modo distinto ao que se é de fato (RECUERO, 2012).

Como foi evidenciado anteriormente, a imersão no mundo digital pode ocorrer a partir de uma tentativa inconsciente de compensação da ausência dos pais no dia-a-dia. Considerando o resultado da pesquisa do AVG Technologies (2014), percebe-se que o acesso aos aparatos tecnológicos ocorre em tenra idade e pode-se concluir que os genitores não dispensam o tempo necessário para ensinar atividades simples como amarrar os sapatos. De acordo com Birman (2006), ocupar o tempo dos filhos com inúmeras atividades educacionais – ou com objetos – não supre a necessidade afetiva, contribuindo para que aqueles sintam-se desamparados.

Em pesquisa realizada nos Estados Unidos foi evidenciado que adolescentes que passaram mais tempo mídias sociais e dispositivos eletrônicos foram mais propensos a relatar problemas de saúde mental, enquanto aqueles que passaram mais tempo em atividades como interação pessoal, esportes, lição de casa, mídia impressa e frequentando serviços religiosos eram menos propensos (TWENGE et al., 2017). Os mesmos autores ressaltam que dispensar mais tempo às mídias em detrimento de atividades não relacionadas àquelas pode explicar o aumento da depressão e do suicídio.

De acordo com a Health Service Company Cigna (CIGNA, 2018), o uso de mídias sociais sozinho não é um preditor de solidão, tendo em vista que usuários que utilizam essas mídias intensamente possuem uma pontuação média de solidão (43,5) não muito diferente daqueles que nunca usam mídias sociais (41,7). Na mesma pesquisa foi observado que as gerações mais velhas (com 72 anos ou mais) são menos propensas a ser solitárias e menos propensas a serem usuárias de mídia social, enquanto as gerações mais jovens (entre 18 e 22 anos) tendem a ser mais solitárias e utilizarem intensamente as mídias sociais. Ornish (1998, p. 101) sugere que “[...] comumente a tecnologia nos dá o meio para diminuir a solidão, sem experimentar a verdadeira intimidade” (ORNISH, 1998, p. 101).

Chou e Edge (2012) destacam que quanto maior o tempo de utilização do FB, maior a probabilidade de perceber que a vida é injusta e que os outros vivem melhor e são mais felizes – principalmente se não os conhece pessoalmente. Por outro lado, os autores ressaltam que o tempo dispensado às interações pessoais com amigos – dos quais

se conhece as histórias de vida, sejam elas felizes ou não –, contribui para que aquelas percepções sejam reduzidas.

Contemporaneamente, o uso das RS pode refletir mais uma implicação da liquidez dos tempos. Considerando a facilidade propiciada pelo FB, bem como a fluidez presente nas esferas da sociedade, percebe-se que os jovens encontram nas redes sociais um meio de resguardar-se, seja escondendo-se atrás de um perfil idealizado ou pela possibilidade de desfazer-se de relações insatisfatórias em apenas um clique (BAUMAN, 2011). Embora sejam indubitavelmente promotoras de aproximação, em um meio em que não há garantia de reciprocidade (BAUMAN, 2001; 2007b) e no qual o empenho para manter conexões não necessariamente está presente – uma vez que os mecanismos da rede se encarregam dessa função (RECUERO, 2004) –, o uso do FB e demais redes sociais pode contribuir ao isolamento e fragilização dos jovens.

Como mencionado anteriormente, o contexto contemporâneo é demarcado por características específicas e suas influências, especialmente no âmbito interpessoal, são notórias. No entanto, não há pretensão de reduzir a fragilidade dos jovens e suas implicações ao uso de aparatos tecnológicos e RS. Entende-se que há inúmeros fatores relacionados, embora não sejam abordados neste trabalho. Contudo, apesar de se reconhecer o potencial prejudicial de algumas relações sociais, destaca-se aquelas em que encontra confiança e apoio, em especial as pessoais (WALDINGER, 2015; ORNISH, 1998).

A possibilidade de se estabelecerem relações satisfatórias através de redes sociais é inegável. Contudo, a ênfase desse trabalho decorre da predisposição contemporânea à virtualização das relações sociais concomitante à diminuição da convivência pessoal próxima. Tendo em vista a importância das relações sociais (ORNISH, 1998; BAUMAN, 2005; WALDINGER, 2015), bem como seu potencial amortecedor diante de situações adversas (CARDOSO, 2013) há estudos que revelam as implicações da fragilização relacional de modo que a dimensão psíquica é afetada e, em condições extremas podem elevar o risco de violência autoinflingida (COMPTON; THOMPSON; KASLOW, 2005; RANDELL et al., 2006). A complexidade dessa ação, no entanto, não se restringe ao fator interpessoal. Contudo, entende-se ser este um relevante protetor e promotor da saúde.

2.4 SUICÍDIO

As conotações do suicídio são distintas de acordo com o contexto histórico e cultural. Souza (2005, p. 83) afirma que “[...] no passado, os primeiros cristãos podiam

desejar abreviar sua jornada ao paraíso”, o que justificaria o ato. Por sua vez, na Idade Média tinha-se uma compreensão pecaminosa do autoextermínio (CFP, 2013). Em outros contextos o suicídio foi considerado uma questão de honra, tal como ocorreu com os *kamikazes*, pilotos de avião do exército japonês que se lançavam sobre os adversários durante a Segunda Guerra Mundial (CARNEIRO, 2013).

De acordo com Durkheim (2000) a morte considerada como suicídio decorre de um ato intencional da própria vítima contra si, com conhecimento da consequência. Por sua vez, a tentativa de suicídio compreende àquele comportamento que não resulta em fatalidade.

Desde o ano 2014 as tentativas de suicídio foram incluídas na “Lista Nacional de Notificação Compulsória de doenças, agravos e eventos de saúde pública” (BRASIL, 2014), na categoria de violência autoprovocada. De acordo com a Secretaria de Vigilância em Saúde (BRASIL, 2016b, p. 23), “a violência autoprovocada/autoinfligida compreende ideação suicida, autoagressões, tentativas de suicídio e suicídios”. Portanto, de acordo com a Portaria 1.271/14 do Ministério da Saúde (ibid., 2014), somente as tentativas de suicídio devem ser obrigatoriamente notificadas à Secretaria Municipal de Saúde. No entanto, para os fins deste trabalho, são consideradas, além das tentativas, as ideações suicidas, ou seja, a cogitação do ato (WHO, 2014).

Considerando a complexidade do tema, aqui é enfatizado o âmbito a que se refere este trabalho, ressaltando-se as dimensões biopsicossociais que perpassam o suicídio. A princípio, destaca-se dois estudos relevantes sobre a questão, dos autores Marx (2006) e Durkheim (2000). Os dois sociólogos traçam análises sobre os fatores relacionados ao suicídio. No entanto, Durkheim registra uma correlação social, enquanto Marx evidencia questões implicadas por outros ramos das ciências humanas (RODRIGUES, 2009), como relações interpessoais e sofrimentos psicológicos (MARX, 2006).

Tendo em vista a multiplicidade de fatores que perpassam a questão do suicídio, Marx (2006, p. 24) destaca a miséria como “[...] a maior causa de suicídio [...]”. Por sua vez, Solomon (2014) relata que o fenômeno não está necessariamente vinculado a situações difíceis, uma vez que pessoas que vivem em condições de pobreza e violência extremas, por exemplo, podem empenhar-se ao máximo pela preservação da sua existência. Para Frankl (2016) a percepção de possuir um sentido na vida – ou seja, um propósito a ser cumprido, alguém a encontrar ou uma causa para servir – prontifica uma pessoa a enfrentar adversidades em prol daquela perspectiva, enquanto a percepção

inversa pode estar associada ao suicídio considerando que a consciência de um sentido poderia superar a impulsão à morte (FRANKL, 2008).

Ainda sobre o posicionamento de Marx, assinala-se que o suicídio é verificado

[...] em todas as classes, tanto entre os ricos ociosos como entre os artistas e os políticos. A diversidade das suas causas parece escapar à censura uniforme e insensível dos moralistas. As doenças debilitantes, contra as quais a atual ciência é inócua e insuficiente, as falsas amizades, os amores traídos, os acessos de desânimo, os sofrimentos familiares, as rivalidades sufocantes, o desgosto de uma vida monótona, um entusiasmo frustrado e reprimido são muito seguramente razões de suicídio para pessoas de um meio social mais abastado [...] (MARX, 2006, p. 24).

Para Durkheim (2000, p. 19), “a evolução do suicídio compõe-se assim de ondas de movimento, distintas e sucessivas, que ocorrem por ímpetos, desenvolvendo-se durante um tempo, depois se detendo, para em seguida recomeçar”, sugerindo que “cada sociedade tem, portanto, em cada momento de sua história, uma disposição definida para o suicídio” (ibid., p. 19).

Dados da OMS (WHO, 2018) demonstram que uma pessoa se suicida a cada 40 segundos, resultando em mais de 800.000 mortes por ano, sendo a principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos. Na população indígena, pessoas entre 10 a 19 anos cometem oito vezes mais suicídio que brancos e negros com a mesma idade (BRASIL, 2017). A OMS (ibid., 2018) destaca que o número de tentativas e efetivações do autoextermínio está além do que se tem informações, considerando que as notificações dos fatos são inferiores à realidade por razões que vão desde a indefinição das causas de morte até a criminalização do suicídio (GOTSENS et al., 2011; WHO, 2014; TRIGUEIRO, 2015).

Bertolote e Fleischmann (2002) realizaram um estudo com base em 15,629 casos de suicídio registrados globalmente entre 1959 e 2001. Os autores concluíram pela presença de algum transtorno mental em mais de 90% dos indivíduos no momento em que morreram. Apesar da elevada incidência, muitas pessoas convivem com transtornos sem apresentar comportamentos suicidas e nem todos os indivíduos que atentam contra a própria vida possuem alguma desordem mental, sendo que aquelas estatísticas apontam para o estigma relacionado a esses distúrbios e à exposição dos intentos suicidas, o que interfere na identificação e prevenção do fenômeno (WHO, 2014).

As taxas de suicídio e tentativa de suicídio são mais altas entre os homens do que entre as mulheres, sendo que aqueles realizam tentativas mais efetivas enquanto as mulheres tentam mais vezes pela genérica utilização de métodos menos efetivos (GOLDSMITH, 2002; WHO, 2014; BRASIL, 2017). Os números de óbitos são maiores

entre os solteiros, viúvos ou divorciados (BRASIL, 2017). Os fatores de risco de suicídio são múltiplos, considerando a complexidade do tema e da subjetividade individual. No entanto, a Organização Mundial de Saúde (WHO, 2014, p. 44) elenca os principais fatores de risco do autoextermínio, conforme demonstrado no Quadro 2.

Para Trigueiro (2015) o público a que se refere este trabalho, cuja faixa etária possui o suicídio como maior causa de morte, deve receber atenção especial pelas particularidades do estágio desenvolvimental. Os jovens entre 15 e 26 anos são conhecidos como “juventude em período de transição” para a vida adulta (WILENS; ROSENBAUM, 2013) e os autores caracterizam como uma fase desafiadora em que ainda não se possui a maturidade cognitiva da idade adulta. Além disso, pode haver “[...] dificuldade [...] de enfrentar as exigências sociais e psicológicas impostas pelo período da adolescência” (BRAGA; DELL’AGLIO, 2013, p. 6).

Quadro 2 – Principais fatores de risco para o suicídio.

Sistemas de saúde	Barreiras no acesso aos cuidados de saúde
Sociedade	Acesso aos meios Divulgação midiática inapropriada Estigma associado ao comportamento de buscar ajuda
Comunidade	Desastre, guerra e conflito Estresse da aculturação ou migração Discriminação Trauma ou abuso
Relacionamentos	Senso de isolamento e falta de suporte social Conflito, divergência ou perda
Individual	Tentativa prévia de suicídio Transtornos mentais Uso prejudicial de álcool Perda de emprego ou financeira Desesperança Doença crônica Histórico familiar de suicídio Fatores genéticos e biológicos

Fonte: WHO (2014, p. 44, tradução livre).

Como destacado nos capítulos 2.1 e 2.2 deste trabalho, as configurações contemporâneas podem favorecer a fragilização dos laços afetivos com pais e outras pessoas ao mesmo tempo em que a virtualização das relações sociais se sobrepõe àqueles relacionamentos. Dessarte, especialmente os jovens são afetados por estarem em um período de transição permeado por mudanças sociais e biopsíquicas substanciais. De acordo com Randell et al. (2006), a percepção de conflitos familiares ou de não atender às expectativas da família estão associados à elevação do risco de suicídio. Um estudo realizado com 200 homens e mulheres afro-americanos com idade entre 18 e 64 anos

identificou que a percepção insatisfatória das relações familiares e do apoio social é um fator de risco de suicídio (COMPTON; THOMPSON; KASLOW, 2005).

Enquanto Bowlby (1989) ressalta a importância da ligação aos pais, Henderson (1974) afirma que tentativas de suicídio decorrem da percepção de carência de cuidados. Ou seja, para o autor, o comportamento suicida é uma manifestação da evocação de cuidados. Embora não se pretenda aqui reduzir uma questão complexa unicamente ao relacionamento com os pais ou outras figuras do contexto de convivência do indivíduo, tem-se comprovado que as relações sociais percebidas como satisfatórias são potencialmente protetoras da saúde – e da vida.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 DESENHO DO ESTUDO

Foi realizada pesquisa aplicada em campo, com objetivo de “[...] gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos [...]” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 35) e de natureza qualitativa, não se preocupando com questões de representatividade ao buscar “[...] o aprofundamento da compreensão de um grupo social, [...] de uma trajetória etc.” (GOLDENBERG, 1999, p. 14). O objetivo metodológico exploratório visou “[...] desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores [...]” (GIL, 2008, p. 27). O procedimento metodológico adotado foi a pesquisa de levantamento, considerando que os dados foram obtidos através de contato direto com os participantes da pesquisa (GIL, 2008).

3.2 PROCEDIMENTO

A pesquisa foi realizada no segundo semestre de 2018, no Centro Universitário Luterano de Palmas / Universidade Luterana do Brasil (CEULP/ULBRA), mediante assinatura da Declaração de Instituição Coparticipante (Apêndice A) e no Serviço-Escola de Psicologia (SEPSI) do CEULP/ULBRA, mediante assinatura da Declaração de Instituição Coparticipante (Apêndice B).

3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

O objeto do estudo é do tipo população. O universo consiste em acadêmicos matriculados no Centro Universitário Luterano de Palmas. A proposta inicial delimitava a quantidade de 5 a 10 jovens entre 18 e 29 anos para a pesquisa. No entanto, a amostra não foi atingida e dentre os universitários convidados somente foram selecionadas três do sexo feminino.

Embora tenham sido previstas em cronograma datas que possibilitassem cumprir cada etapa, a submissão ao CEP ocorreu tardiamente em virtude dos ajustes metodológicos da pesquisa. Destaca-se ainda que houve solicitação do Comitê para que se realizasse correções e o tempo para a coleta de dados foi reduzido. Desse modo, somente alguns coordenadores de curso foram contatados no período que se dispunha para a coleta, para verificar a ocorrência de tentativas de suicídio e/ou ideações suicidas entre os acadêmicos. Os jovens que atendessem a esses critérios seriam convidados, porém nenhum dentre os coordenadores indicou acadêmicos para a pesquisa. Portanto, a

coordenadora do curso de Psicologia, Professora Dra. Irenides Teixeira, contactou somente universitários do referido curso.

A coordenadora realizou contato inicial com duas acadêmicas que possuíam histórico de tentativa de suicídio e a uma delas se disponibilizou a convidar colegas de curso que também atendiam aos critérios previstos (item 3.4). Dentre as primeiras duas jovens contactadas, uma não atendeu ao requisito de utilização do FB, porém indicou outras duas jovens que atenderam aos critérios de inclusão e, portanto, foram selecionadas. Então, apenas as três acadêmicas participaram do estudo. Por se tratar de pesquisa qualitativa, entende-se que “o critério mais importante a ser considerado [...] não é numérico, já que a finalidade não é apenas quantificar opiniões e sim explorar e compreender os diferentes pontos de vista [...]” (FRASER; GONDIM, 2004, p. 147).

Após os procedimentos supracitados, foram realizados dois encontros individuais da pesquisadora com os participantes. Na ocasião do primeiro contato individual, realizado no SEPSI, foram fornecidos esclarecimentos quanto à pesquisa, bem como se apresentou o TCLE, assinado pelas jovens.

Atendendo aos requisitos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos, todas as etapas foram realizadas após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Luterano de Palmas.

3.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Os critérios de inclusão consistiram, inicialmente, em manifestar interesse em participar da pesquisa, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice C). Os participantes deveriam estar regularmente matriculados em um dos 22 cursos de graduação presencial do Centro Universitário Luterano de Palmas, possuírem idade entre 18 e 29 anos e terem histórico de tentativa de suicídio e/ou ideação suicida.

Para serem selecionados, os jovens deveriam possuir perfil na rede social FB, sendo usuários ativos, ou seja, que acessassem a rede social diariamente ou semanalmente, utilizando uma ou mais dentre as ferramentas de publicação, curtidas, comentários e compartilhamento, além de adicionar a pesquisadora em sua lista de amigos. Destaca-se que a pesquisadora criou um perfil pessoal na rede social, especificamente para os fins da pesquisa, sendo destinado exclusivamente para que a pesquisadora observasse os perfis dos participantes. Ou seja, a pesquisadora incluiu em seu perfil somente as informações necessárias para a criação do mesmo, bem como uma foto de identificação, excluindo-o após a finalização da pesquisa.

Como critérios de exclusão teve-se a recusa à gravação de voz durante a Entrevista Semiestruturada e a incompatibilidade entre os dias e horários disponíveis pelos participantes e a disponibilidade da pesquisadora.

3.5 VARIÁVEIS

Dependentes: Relações sociais frágeis de universitários entre 18 e 29 anos; Ideação suicida e tentativa de suicídio.

Independentes: Uso ativo da rede social FB.

Instrumentos: Escala de Ideação Suicida de Beck – BSI (CUNHA, 2015); Observação dos perfis dos participantes no FB; e Entrevista Semiestruturada de criação livre (Apêndice D).

3.6 INSTRUMENTOS

Os dados foram coletados através da Escala de Ideação Suicida de Beck (BSI), Entrevista Semiestruturada (Apêndice D) e observação dos perfis dos participantes no FB.

A Escala de Ideação Suicida de Beck – BSI (CUNHA, 2015) é a versão brasileira da *Beck Scale for Suicide Ideation*, criada por Beck, Steer e Ranieri (1988). O instrumento é privativo do profissional psicólogo e, tendo sido trazido para o português, foi adaptado à população brasileira atentando aos critérios de validade, fidedignidade e padronização necessários aos testes psicológicos (CFP, 2018; PASQUALI, 2001).

Os instrumentos utilizados pelo psicólogo são avaliados pelo Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos – SATEPSI (<http://satepsi.cfp.org.br/>) e classificados como favoráveis, ou seja, aptos para utilização ou desfavoráveis, quando não atendem a requisitos técnico-científicos ou ultrapassam o período estipulado para revalidação dos estudos normativos (15 anos) ou de validade (20 anos) (CFP, 2018).

A BSI recebeu parecer favorável do Conselho Federal de Psicologia em 2003. Contudo, em 11 de abril de 2018 seus estudos normativos venceram e a Escala foi classificada como desfavorável. Porém, de acordo com a Resolução 009/2018 (CFP, 2018), ressalta-se que testes considerados desfavoráveis podem ser utilizados somente em casos de pesquisa.

De acordo com Costa et al. (2015), há uma variedade de instrumentos utilizados para avaliar intenções suicidas. No entanto, após pesquisa detalhada sobre os mesmos, e sobre outros encontrados em buscas na internet, identificou-se que não havia outros instrumentos psicológicos padronizados para a população brasileira que se adequassem

ao público da pesquisa. Portanto, justifica-se a utilização da BSI para avaliação da ideação suicida.

A BSI é um dos questionários mais utilizados para avaliação da tendência ao suicídio na população entre 17 e 80 anos e possui 21 itens que auxiliam a identificação do desejo e razões para viver ou morrer (ESFAHANI; HASHEMI; ALAVI, 2015), bem como do histórico e gravidade de tentativas de suicídio (CUNHA et al., 2007). Os itens 1 a 19, “[...] apresentados com três alternativas de respostas, refletem gradações da gravidade de desejos, atitudes e planos suicidas” (VIEIRA; COUTINHO, 2008, p. 720). Os itens 20 e 21 identificam se o sujeito possui histórico de tentativa de suicídio e a severidade do intento suicida quando da última ação para este fim (CUNHA et al., 2007). Ainda de acordo com os autores,

a) verifica-se a presença de qualquer escore diferente de zero em qualquer dos primeiros cinco itens, para concluir pela presença ou não de ideação suicida; b) somam-se os escores dos 19 primeiros itens, podendo-se avaliar a gravidade da intenção suicida; c) os escores nos dois últimos itens (20 e 21) não entram no cálculo total, fornecendo apenas informações adicionais (CUNHA et al., 2007, p. 230).

Uma vez que a BSI está desfavorável e considerando que a Entrevista foi realizada no encontro subsequente à aplicação daquela, destaca-se que os dados da Escala foram complementados pela Entrevista, principalmente para não basear os resultados exclusivamente nos escores obtidos. Destaca-se que, ainda que a BSI estivesse favorável no SATEPSI, e considerando sua contribuição ao apresentar pontuações a respeito das ideações suicidas, a autora ressalta que o instrumento deve ser complementado por outras fontes de informação (CUNHA, 2015). A BSI foi autoadministrada individualmente, no segundo encontro.

A Entrevista Semiestruturada utilizada, de construção livre, foi composta por perguntas abertas e teve como base estudos sobre instrumentos já construídos (CARDOSO; BAPTISTA, 2014) e estudos realizados e/ou mencionados por Ornish (1998). Algumas questões foram copiadas na íntegra, outras foram adaptadas e outras, ainda, foram criadas livremente visando atingir os objetivos da pesquisa e estruturadas de modo que sejam “[...] feitas em primeiro lugar perguntas que não conduzam à recusa em responder, ou que possam provocar algum negativismo” (GIL, 2008, p. 117). Atentando-se ao que o mesmo autor propõe, buscou-se ainda utilizar perguntas que não deixem respostas subentendidas. O instrumento foi revisto após realização de pré-teste, de modo a minimizar redundâncias e reordenar as questões para que aquelas potencialmente ansiogênicas fossem realizadas na parte final da entrevista.

A utilização do trabalho de Cardoso e Baptista (2014) deve-se ao fato de que o estudo desenvolvido por ambos tem o objetivo de verificar a percepção que os sujeitos possuem do meio em que estão inseridos, em termos de suporte social. Esse tipo de suporte é definido como a existência ou disponibilidade de pessoas em quem se pode confiar e que demonstram preocupação, valorização e amor (SARASON et al., 1983). Por sua vez, Ornish (1998) elenca pesquisas próprias e de outros pesquisadores, indicando que perguntas como as que foram colocadas na Entrevista Semiestruturada contribuem para avaliar a qualidade do suporte social. Consequentemente, pode-se obter dados sobre a qualidade dos vínculos socioafetivos dos jovens.

A Entrevista foi impressa e além do registro manual, foi utilizado gravador de áudio. Este recurso permitiu que, posteriormente ao encontro, as respostas fossem transcritas integralmente.

A observação dos perfis pessoais na rede social FB foi realizada de modo a contemplar a utilização das jovens no período de 20 de agosto a 11 de novembro de 2018, verificando as informações pessoais (como trabalho, relacionamentos e acontecimentos), quantidade de amigos, interesses, publicações na linha do tempo, interação com outras pessoas através de marcações, comentários e curtidas para identificar a frequência, modo e finalidade do uso da rede social. A observação também teve o objetivo de verificar aspectos da socioafetividade dos participantes no que diz respeito às interações e expressões que remetam a questões afetivas e intentos suicidas.

Os dados foram analisados a partir da Análise do Discurso. Orlandi (2003) afirma que Michel Pêcheux foi um dos precursores desse procedimento, que “[...] tem a pretensão de interrogar os sentidos estabelecidos em diversas formas de produção” (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 680).

A partir dos dados coletados na pesquisa, foi realizada interpretação qualitativa do discurso do participante, relacionando os “[...] eixos temáticos [...]” (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 682) à conjuntura sócio-histórica (CAREGNATO; MUTTI, 2006; GREGOLIN, 1995). Desse modo, buscou-se estabelecer os sentidos da fala em sua relação com o contexto em que o sujeito se insere, articulando com o referencial teórico da pesquisa.

3.7 ASPECTOS ÉTICOS

O trabalho foi realizado em observância às Resoluções CNS 466/12 e 510/16 (BRASIL, 2012; 2016a), que orientam quanto à pesquisa envolvendo seres humanos, bem como respaldando-se nos princípios fundamentais determinados pelo Código de Ética do

Profissional Psicólogo (CFP, 2005). Sendo assim, atentou-se pelo zelo ao respeito, autonomia e liberdade dos indivíduos, bem como pela sua privacidade. Destaca-se ainda o cadastro na Plataforma Brasil e submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa do CEULP/ULBRA, obtendo aprovação que pode ser verificada através do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) número 94887118.5.0000.5516.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram selecionadas três jovens do sexo feminino, universitárias do curso de Psicologia. Para manter o sigilo da identidade das participantes, escolheram-se nomes fictícios, a saber: Jasmine (J.), Lily (L.) e Rose (R.). Para evidenciar trechos dos relatos das jovens foi utilizado destaque itálico e aspas duplas.

J. tem 24 anos e cursa o 7º período da graduação. L., aos 23 anos, cursa o 9º período e R., 23 anos, está no 8º período. As duas primeiras possuem histórico de ideação e tentativa de suicídio, enquanto a última tem histórico de ideações suicidas. Ambas responderam à BSI no primeiro encontro com a pesquisadora, após assinarem o TCLE. No segundo encontro as jovens foram entrevistadas.

4.1 VÍNCULOS SOCIOAFETIVOS

A verificação das relações socioafetivas das participantes ocorreu mediante a realização de Entrevista e observação dos perfis no FB. Na entrevista buscou-se explorar acerca do contexto familiar e demais grupos dos quais as jovens participavam (educacional, religioso, esportivo, etc.), bem como as interações pessoais e virtuais, de modo que se verificasse a percepção das jovens sobre o suporte social, ou seja, a existência ou disponibilidade de pessoas em quem se pode confiar e que demonstram preocupação, valorização e amor (SARASON et al., 1983) e, conseqüentemente, sobre a qualidade dos vínculos estabelecidos.

A entrevista com J. ocorreu no segundo encontro. A participante mora com amigos, visto que se mudou da casa dos pais, em outra cidade, há três anos, período em que começou a graduação. Sua família de origem é composta pelos pais e dois irmãos. De acordo com ela, o relacionamento familiar *“sempre foi maravilhoso, muito próximo, muito íntimo”*. No entanto, com a revelação de J. acerca de sua orientação sexual – assumindo-se como lésbica –, a jovem percebeu preconceito da família. De acordo com Nascimento (2018), a externalização da orientação sexual pode desestabilizar o relacionamento familiar, destacando a influência de questões religiosas e expectativas relacionadas a papéis de gênero, fatos que também foram observados no caso de J.

No período de realização da pesquisa a ocorrência de disputas políticas nacionais foram percebidas por J. como ameaçadores à sua *“existência LGBT”* (público de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) e deixou a relação familiar *“estremecida [...] por eles estarem com opiniões muito contrárias e discrepantes à minha”*.

“Tá sendo difícil pra mim entender que minha família é preconceituosa. Antes eu tentava justificar. Mas aí com alguns discursos deles eu vi que eu sou o que eles abominam mas eles me amam. Só que eles abominam as outras pessoas que são iguais a mim, então tá sendo muito difícil pra mim conciliar essas coisas, mas estou tentando. Antes eu ia lá em qualquer fim de semana, qualquer feriado; agora eu evito ir. Mantenho contato com meus pais por telefone e WhatsApp” (J.).

Ainda de acordo com Nascimento (2018), o desequilíbrio das relações na família ocasionado pela revelação da orientação sexual pode ser temporário, bem como passar por oscilações da aceitação e negação do fato. O autor ressalta que esse fato pode contribuir para que o filho ou filha homossexual se afaste dos familiares, semelhantemente à J.

Externamente à família, J. mencionou as relações estabelecidas com amigos virtuais, amigos da faculdade, de grupos de atividades e outros. A jovem destacou que houve um período de sua vida em que teve mais amigos através da internet, considerando que passava mais de 18 horas *online*. Atualmente, está *“migrando relações”*, de modo que busca conhecer pessoalmente àqueles do mundo virtual.

“Hoje tenho menos amigos virtuais. Devo ter mais ativo na minha vida uns sete ou oito. Antes eu tinha bem mais. Mas é muito bom o nosso relacionamento. [...] com meus amigos virtuais eu não divido mais a minha vida como antes. Antes eu dividia mais. Mas devido a esse processo de transição que eu entrei do mundo virtual pro real... então não tenho mais essa coisa de ficar o dia todo falando, de contar tudo, de desabafar. Eu procuro pessoas reais hoje” (J.).

Apesar da mudança no círculo de amizades, J. classifica como ótimas as amizades virtuais, ressaltando que encontra nelas apoio e confiança, bem como percebe que esses amigos também a procuram, *“principalmente em situações difíceis”*.

“Uso muito um aplicativo para fazer amizades, fiz duas amigas. Estamos muito próximas. Com uma delas a nossa proximidade foi pela destruição – ela disse que teve intentos suicidas e eu falei que tive também. Ela tava em um processo depressivo grande, eu a levei ao CAPS, ela dormiu na minha casa várias vezes e hoje somos super próximas. Todo mundo eu fico trazendo [do virtual para o real] hoje. Uso a internet quando a gente não pode se ver pessoalmente” (J.).

Em estudo realizado por Vicente (2012) com 342 usuários do FB, identificou-se que mais de 80% utilizam a plataforma considerando a facilidade de se comunicar à distância. Por sua vez, Amante (2014) aponta que o FB é utilizado para constituição e consolidação de amizades.

Além de estudar, J. participa semanalmente de grupos de dança, *yoga* e grupos de militância feminista, além de praticar atividades físicas. Os grupos da faculdade, compostos por aqueles colegas que cursam diversas disciplinas junto com a participante, são considerados ambientes nos quais a jovem participa ativamente e sente-se respeitada.

“Por muito tempo eu tinha dificuldade de socialização, eu vivia absolutamente na internet. Foi quando eu entrei na terapia em 2015 porque eu passava 18 horas online. Então hoje ter contato social é algo muito novo pra mim, eu ainda não tenho tantas habilidades como eu gostaria. Esses grupos estão me possibilitando isso. Eu consigo falar em público neles, ter autonomia de realizar atividades, ser ouvida e ser respeitada. Só que ainda é muito difícil pra mim a questão do contato físico, ter que tocar, abraçar, ser tocada e abraçada; a menos que eu tenha mais intimidade com a pessoa, mas é muito difícil ainda essa socialização. Mas eu vejo como algo importantíssimo e gosto” (J.).

A dificuldade evidenciada por J. é descrita por Rosa e Santos (2015, p. 920), que ressaltam a possibilidade de que “ao retornar desse mundo sedutor da tela dos computadores e dos celulares, os indivíduos se tornam mais inseguros nas relações interpessoais e limitados em se sentirem plenos ao estarem em um ambiente ou em outro”. Por sua vez, Ornish (1998) e Gaspari (2012) destacam que a participação em grupos nos quais haja um senso de integração é um fator potencialmente promotor de bem-estar, desenvolvimento de confiança e saúde – física e mental.

J. ainda destacou que considera suas relações, de um modo geral, como regulares, (classificando-as com nota 3 em uma escala de 1 a 5), reconhecendo que o fato pode estar relacionado à transição do mundo virtual para o real. *“[Isso é] porque estou abrindo mão de muitas pessoas em prol de outras. Eu não estou conseguindo dosar minhas relações”.*

A participante enfatizou que hoje tem muitos amigos em quem pode confiar e contar para realizar atividades, conversar ou ajudar com problemas. Ela se referiu a mais de dez pessoas, entre reais e virtuais – dentre as quais um parente da jovem – e o contato com alguma delas depende da ocasião. Entretanto, ficou claro no discurso que J. tem buscado mais ajuda pessoalmente, especialmente em casos de pensamentos suicidas. *“Antes seria um amigo virtual que me acalmaria, mas na última ideiação liguei para uma amiga e ela chegou na minha casa imediatamente”.*

“A minha relação é muito boa com todos [os amigos], e deles comigo. Todos me procuram bastante, costumam se abrir comigo tanto para coisas boas como para coisas ruins, para ir à minha casa ficar conversando, para fazer qualquer coisa. [A relação] é ótima, acredito que é uma relação bilateral” (J.).

Na entrevista com a segunda participante, L., identificou-se que esta mora com a mãe e um irmão. De acordo com ela, o relacionamento familiar *“não é dos melhores”.*

“[O relacionamento com minha família] já foi muito pior. Hoje em dia nem tanto, mas teve uma melhora. Não é o que eu teria idealizado pra mim se eu tivesse a opção de escolher. [...] é bastante conflituoso, bastante complicado, tanto com a família de dentro de casa como com parentes. Sempre foi muito estressante, não apenas comigo em relação a eles mas deles uns com os outros também” (L.).

L. mencionou perceber-se desrespeitada pelos parentes, fato que contribuiu ao afastamento entre eles.

“Eu literalmente me afastei deles, me estressou tanto que eu me afastei bastante deles. [Eles] falam bastante da minha vida e não respeitam... Enfim, não gostam do meu jeito de viver, discordam demais do que eu gosto, do que eu quero. Eles falam mal de mim mas também falam mal dos outros que fazem o que eles gostam. Então nunca vai ter uma L. adequada e se eu for tentar me adequar ao que eles querem, ao que os outros querem eu não vou viver a minha vida” (L.).

De acordo com L., o posicionamento dos parentes em relação a ela foi prejudicial na adolescência.

“[Isso] me influenciou de uma forma muito negativa quando eu era mais nova, tipo adolescente mesmo, em querer me estabelecer numa posição do qual era querida por eles, do qual era respeitada, admirada por eles. Aí depois eu vi que isso não valia a pena porque me fazia muito mal” (L.).

As percepções expressadas por L. condizem com estudos de Compton, Thompson e Kaslow (2005), Randell et al. (2006) e Henrique (2017), nos quais se afirmam os prejuízos decorrentes de conflitos e violência familiares e da concepção de não estar atendendo às expectativas da família. Os autores ressaltam ainda a possibilidade de elevação do risco de suicídio em casos semelhantes.

L. considera possuir mais amizades com pessoas mais velhas, enfatizando duas amigas com as quais pode contar para sair ou realizar atividades.

“Eu tenho bastante amizade, vínculo com pessoas mais velhas do que eu mas... isso é muito relativo. Há momentos em que eu sou uma pessoa muito difícil de se lidar e há outros momentos em que eu sou completamente diferente. [...] sou empática, vou lá e falo, bastante conversadeira. Mas assim... eu me percebo sempre como uma pessoa muito na minha” (L.).

“Com pessoas mais próximas de mim eu percebo uma boa relação, pessoas que são até parecidas comigo demais, e isso é impressionante porque... eu não escolho as pessoas com quem eu vou conviver, eu escolho as pessoas que vão ser próximas de mim. Mas enfim, é uma relação boa, é saudável. Eu não fico próxima de uma pessoa que não consiga ter uma relação saudável com os outros” (L.).

A rotina de L. volta-se sobretudo aos estudos. Semanalmente, participa de grupos feministas e recentemente interrompeu a participação em um grupo de meditação pela necessidade de dedicar mais tempo à graduação. Nos dois contextos a jovem percebe-se “bastante atuante”. Devido às demandas do curso, L. afirma que não realiza tantas atividades de lazer quanto gostaria.

“[Eu] leio bastante livros meus mesmo e ouço música. [Atividades] de lazer [...] faço mais aos finais de semana, mas não em todos. [...] Nessa reta final [da graduação] é bastante cansativo, bastante puxado, então o que eu consideraria lazer é a minha leitura e escutar música” (L.).

L. confirmou que desempenha suas atividades majoritariamente sozinha, exceto no Trabalho de Conclusão de Curso, no qual conta ajuda do orientador. No entanto,

atribuiu nota 4 às suas relações, classificando-as como boas. A jovem destacou que suas relações mais satisfatórias são pessoais, porém, não conseguiu mensurar se possui mais relações virtual ou pessoalmente. Além disso, destacou que não há nenhuma pessoa em quem possa confiar ou contar caso precise conversar ou esteja com problemas e, embora esse fato a incomode, já aprendeu “*a lidar bastante com isso*”.

L. afirmou que nunca teve em quem confiar, porém, já teve com quem conversar e compartilhar “*sentimentos tristes*”. Entretanto, ao compartilhar aqueles sentimentos, concluiu: “*só quebrei a cara me abrindo com aquelas pessoas*”. A ambivalência percebida no discurso de L. é explicada por Bauman (2005) que retrata a insegurança observada nos relacionamentos, tendo em vista a fluidez que perpassa as relações. De acordo com o autor, os relacionamentos são paradoxais pois, uma vez necessários, não garantem que haverá estabilidade. Ornish (1998) também destaca essa ambiguidade, ressaltando que, embora haja possibilidade de decepcionar-se, faz-se necessário se tornar vulnerável para estabelecer relações próximas. Além disso, ressalta que

[...] a revelação de experiências traumáticas ou dolorosas tem um poderoso efeito benéfico, muito maior para a cura e para a saúde do que falar ou escrever sobre eventos superficiais, mesmo se, a curto prazo, a pessoa venha a se sentir pior (ORNISH, 1998, p. 123-124).

A terceira participante, R., mora com os pais e duas irmãs. Sua percepção acerca do relacionamento familiar é perpassada pela dificuldade no diálogo.

“[A relação é] um pouco distante, a comunicação é um pouco complicada tanto com a [família] nuclear quanto com a distante. [...] a gente não se entende muito, não tem muito diálogo. Eu sou bem mais próxima de amigas mesmo, são as pessoas mais próximas que eu tenho convivência. E ainda assim é um pouco complicada, tem muito atrito mas é boa; chega a ser melhor que a minha família nuclear” (R.).

R. destacou que possui relações mais próximas através das RS, conseguindo ser “*mais sociável*” nesses ambientes, quando comparado ao retraimento percebido em suas interações pessoais. De acordo com Greenfield (2011), percebe-se um comportamento desinibido na interação virtual, o que o autor acredita estar relacionado à interação sobretudo escrita, que seria menos inibitória. A jovem ainda relatou que utiliza as RS para se comunicar com colegas da faculdade.

“Acho que [a quantidade de relações pessoais e virtuais fica] meio a meio porque os amigos que eu tenho são da faculdade, então a gente convive mais. Só que quando chega em época de férias, a gente conversa mais via RS mesmo. Mas é só isso, é só com eles mesmo a comunicação” (R.).

“[A relação com essas pessoas é] mais saudável porque é quando a gente escolhe ficar, escolhe ser amigo daquela pessoa, estar com aquela pessoa” (R.).

R. não participa de grupos, sua rotina é voltada aos estudos e costuma sair com amigos. Ela avaliou suas relações sociais com nota 3 (regulares), afirmando “*estou em falta, não estou conseguindo ser tão presente como antigamente*”. R. ainda considerou que as relações mais satisfatórias são com os amigos da faculdade e as mais insatisfatórias, com os parentes. Acrescentou ainda que relacionar-se através do FB é mais fácil e, embora não tenha afirmado que as relações estabelecidas na rede sejam satisfatórias, acredita haver um meio-termo.

“Pessoalmente é muito bom, só que às vezes pelo FB fica aquela coisa de que dá menos trabalho. Pelo FB você não tem que estar ali mantendo, estar ali dando apoio 24 horas. Aí eu não sei se caberia o satisfatório mas eu acho que é meio a meio” (R.).

A narrativa de R. é semelhante ao que Bauman (2001) e Recuero (2004) afirmam. O primeiro autor retrata a facilidade de se estabelecerem relações através do FB e a segunda destaca a manutenção de amizades sem que necessariamente haja empenho além de responder à solicitação.

A jovem mencionou uma amiga em quem pode confiar, com a qual pode contar para conversar, quando precisa de ajuda ou para sair. No entanto, destaca que, se precisa compartilhar sentimentos, não o faz com ninguém. Ela ainda ressaltou a ocorrência de isolamento – principalmente após o período de ideações suicidas, há alguns meses – considerando-o como prejudicial a si própria.

4.2 UTILIZAÇÃO DO FACEBOOK

Para verificação da utilização do FB realizou-se a observação dos perfis a partir do primeiro encontro com as participantes, ocasião em que foram solicitadas a adicionar a acadêmica-pesquisadora à lista de amigos. O período considerado para observação foi do dia 20 de agosto de 2018 ao dia 11 de novembro de 2018.

As Tabelas 1, 2 e 3 apresentam as informações referentes à utilização do FB, obtidas mediante a observação dos perfis. Considerando que através deste trabalho buscou-se identificar aspectos da socioafetividade, foram enfatizados os dados que indicam interação com outras pessoas.

Tabela 1 – Utilização do Facebook - Jasmine.

UTILIZAÇÃO DO FACEBOOK – JASMINE			
Frequência de utilização	Diariamente		
Tempo de acesso	1 a 4 horas (média)		
Quantidade de amigos	Mais de 500		
Quantidade de seguidores	529		
Nº de publicações	434		
	Usuário	Compartilhadas	Outras
	22	408	4
Reações (curtidas)	11.431		
Comentários	631		
Compartilhamentos	915		

Fonte: Produção própria (2018).

A partir da Tabela 1 observa-se que J. acessa a rede diariamente e por várias vezes ao dia. De acordo com o IBGE (2018a), a maior parte da população brasileira utiliza o celular para acessar a internet, fato que J. ressaltou durante a entrevista, demonstrando a ambiguidade da possibilidade de estar *online* através do celular.

“Antes, pra você ficar online tinha que ficar no computador. Hoje em dia não; você fica online em qualquer lugar com seu telefone. [...] Isso além de ser um facilitador é um dificultador porque ao mesmo tempo que estou em interação com você eu posso pegar meu telefone e ficar falando com outra pessoa ao mesmo tempo. [...] Isso causa muita tensão nas minhas relações” (J.).

A jovem calculou uma média de horas em que permanece *online* atualmente, ressaltando que às vezes acessa sua página rapidamente e outras vezes permanece por horas.

“É o hábito de pegar o telefone e estar rolando o feed do FB, só que isso é péssimo para as relações porque as pessoas ficam chateadas, já tive muitas brigas. É algo que eu diminuí mas não cessei. E é muito estranho porque é como se eu só precisasse pegar, olhar um pouquinho e parar. Não faz nenhum sentido o que eu faço ali naquele pouquinho de tempo, não é mensagem urgente, é pra ficar olhando coisas idiotas. Eu tenho essa dificuldade. Às vezes prefiro deixar o celular longe. Mas por eu ter me disponibilizado para tantas pessoas fico ‘Eita e se alguém me ligar e eu não ver? Se alguém mandar mensagem e eu não ver?’” (J.).

O receio de J. pela possibilidade de perder alguma mensagem ou ligação pode se enquadrar no que tem se chamado de *FoMO* (*Fear of Missing Out*), fenômeno considerado comum entre a juventude e que implica na preocupação em perder eventos ou outras atividades (RSPH, 2017).

J. explica que um dos motivos relacionados ao tempo dispensado às RS advém da época em que utilizava o Orkut. Na plataforma ela e outras pessoas criavam perfis falsos e interagiam através destes – embora todos os envolvidos soubessem desse fato. A jovem

ainda mencionou a utilização do Twitter, no qual estava cercada de pessoas que não a conheciam pessoalmente, o que propiciava mais liberdade de expressão. Já no FB, J. ressaltou receio pelo modo que utiliza a rede.

“Hoje eu fico online mas sendo quem eu sou. E isso é até sufocante às vezes porque nas minhas redes, sendo quem eu sou e botando a minha cara a tapa, é muito difícil emitir certas opiniões e dizer certas coisas, certos desabaços porque as pessoas vão ver... e vão interpretar mal e sei lá... Vão divulgar e vai ser horrível” (J.).

“[Hoje] eu me sinto podada na internet, principalmente no FB porque hoje eu tenho muitas pessoas que eu conheço da faculdade, da minha cidade e não posso emitir certas opiniões porque soa de uma forma que não é bem-vinda e isso me incomoda. Há anos, quando eu criei o FB, que eu só tinha pessoas [que vieram] do Twitter, eu podia postar qualquer coisa. Às vezes eu vejo as lembranças do FB e falo ‘Hoje eu não postaria isso porque eu teria medo da represália’. Naquela época não tinha nenhum conhecido, era só eu sendo eu [em meio a um] monte de desconhecidos que me aceitavam e por isso eu permanecia tanto tempo na rede, exatamente por isso, porque eu estava cheia de desconhecidos que não se importavam com o que eu pensava e acolhiam aquilo, [independentemente do] que fosse” (J.).

De acordo com a entrevista, J. possui no FB amigos que vieram do Twitter, de modo que ela considerou ter amizades que duram cerca de 10 anos, época em que passava mais tempo na última rede. Recuero (2009) menciona que os relacionamentos virtuais possibilitam que as pessoas interajam em diversas plataformas, inclusive migrando entre uma e outra, o que demonstra solidez nas conexões.

J. possui mais de 500 amigos e seguidores. Antes de reduzir o tempo de permanência na internet, a jovem interagiu com um maior número de pessoas no FB. Atualmente, afirmou comunicar-se com cerca de 7 ou 8 do total de amigos, considerando a transição das relações no mundo virtual para o mundo real.

No que tange às interações através das ferramentas do FB, no período observado identificou-se que J. obteve mais de 11 mil curtidas e 900 comentários em sua linha do tempo, corroborando sua frequência de uso da RS e publicações (434 ao todo, sendo 22 publicações próprias – como atualização de perfil ou um texto autoral –, 408 compartilhadas de outras pessoas ou páginas e 4 publicações ou marcações feitas por amigos de J. em seu perfil). Além da frequência de uso, percebe-se considerável interação dos amigos nas publicações da jovem, que também foram compartilhadas 915 vezes por amigos. Em contrapartida, como ressaltado pela participante, há um impasse entre manter as relações virtuais e as reais.

“A minha relação com os meus amigos virtuais é boa. A gente é muito próximo. Sempre tem aquelas pessoas específicas que quando você posta alguma coisa já fica esperando: ‘fulano vai vir falar alguma coisa’. Tem uns que a gente fica em papo só em comentário” (J.).

“[Quando eu passava mais tempo online, tinha mais facilidade de me comunicar]. Hoje não tenho tanta paciência. Fico vendo comentários em

publicações minhas que era pra eu ter respondido e esqueci. E antes eu nunca esquecia porque estava ali o tempo todo. Aí hoje não interajo tanto quanto antes, principalmente nessa questão de respostas. Quando eu comento em alguma coisa de alguém vou lá e desativo as notificações pra não ficar chegando nada” (J.).

“[Hoje no FB] está acontecendo algo até muito estranho nas minhas relações, que nunca aconteceu. As pessoas que mais interagem comigo são pessoas da vida real, então isso é muito estranho pra mim. Tem vezes que nem respondo porque nem sei direito como fazer isso” (J.).

Nas publicações de J., os temas mais recorrentes foram relacionados à política, feminismo e conteúdos humorísticos. Para a jovem, participar do FB implica em pertencimento porque *“Hoje em dia tudo acontece lá. se você vai a um evento, se quer sair hoje, você olha a página daquele lugar pra ver a programação do dia; se você quer chamar alguém pra sair e vê uma foto dele em viagem então já descarta a possibilidade”*. J. ainda destacou a possibilidade de excluir do FB pessoas que tenham opiniões divergentes, a facilidade dos rompimentos no meio virtual e o paralelo entre romper com uma pessoa que é amigo para além da RS.

“Por exemplo, quando eu posto minhas opiniões políticas e vem alguém que vai contra tudo que eu acredito, eu posso responder aquela pessoa, discutir ou excluir, bloquear; então não vai aparecer mais nenhum incômodo dela pra mim” (J.).

“[Quando usava uma outra RS], a gente ficava nos mesmos tópicos e as pessoas vão falando e vai ficando um em baixo do outro simultaneamente. Então eu sabia que aquela pessoa [aversiva] frequentava e estava lá também, mesmo que eu bloqueasse aparecia na comunidade. Eu tinha que aprender a ignorar, então eu via que estava ali mas não prestava atenção e eu consegui de alguma forma transferir isso pro real. Quando eu tive rompimentos amorosos e outras coisas isso foi muito enfatizado” (J.).

“A facilidade de bloquear é [algo] bom só que é um comportamento infantil, imaturo. Não é de resolver, é só de fugir do problema, então uma hora ou outra ele vai bater no seu portão; antes ele não batia. [...] antes não tinha isso, tipo, a pessoa me ligava eu não atendia e estava tudo bem, ficava por isso mesmo. Depois eu dizia que estava ocupada e só. Hoje em dia não, hoje em dia ela pode me achar. [...] Nas relações reais a pessoa pode te acionar de outras formas e pode insistir naquilo e pode tentar resolver” (J.).

Bauman (2011) evidencia que uma característica dos tempos líquidos e do tipo de interação estabelecido no FB é a possibilidade de exclusão das pessoas que incomodam de algum modo. De acordo com o autor, pessoalmente há maior dificuldade em se desfazer das relações, pela necessidade de se fornecer explicações ou ainda pela possibilidade da tentativa de resolução do impasse.

Por sua vez, a utilização do FB pela jovem L. é diária e chega a mais de 12 horas de acesso, como apresentado na Tabela 2.

Tabela 2 – Utilização do Facebook - Lily.

UTILIZAÇÃO DO FACEBOOK - LILY			
Frequência de utilização	Diariamente		
Tempo de acesso	Mais de 12 horas		
Quantidade de amigos	Mais de 500		
Quantidade de seguidores	201		
Nº de publicações	410		
	Usuário	Compartilhadas	Outras
	70	298	42
Reações (curtidas)	2.723		
Comentários	232		
Compartilhamentos	57		

Fonte: Produção própria (2018).

De acordo com L., a utilização do FB é sobretudo para manter-se atualizada sobre as informações, bem como estar a par de eventos políticos e culturais, sendo esses os motivos principais para a permanência na rede exceder 12 horas. Valentine (2018) destaca uma pesquisa que indica a tendência dos usuários de mídias sociais de priorizarem a busca por informação. Ou seja, 41% dos usuários utilizavam as mídias para se manterem atualizados sobre notícias e eventos.

A jovem possui mais de 500 amigos e 201 seguidores. Questionada sobre sua interação no meio virtual e fora dele, relatou que cada relação é diferente e, portanto, não consegue mensurar quantitativamente suas interações. De acordo com L., até o momento da entrevista suas relações no FB estavam saudáveis, considerando a exclusão de pessoas que evidenciaram “*desrespeito*”. A maioria das pessoas excluídas pela jovem eram conhecidas pessoalmente e uma delas era da sua família. Embora L. tenha percebido que a pessoa ficou “*chateada*”, destacou “*tenho plena consciência que [a exclusão é] em prol da minha saúde mental*”.

“Algumas relações no FB são saudáveis e outras são conflituosas. Infelizmente tem o desrespeito, o desacato e aí essas pessoas eu excluo das minhas RS. [...] Quem desacata e quem desrespeita principalmente numa publicação minha eu excluo literalmente, então acaba que eu fico em meio a um rol de amigos que têm ideias, políticas e militâncias semelhantes em relação às minhas. Então fica ‘massa’ ficar ali naquele meio, sabe? [No qual mesmo que as pessoas discordem de mim], colocam a opinião delas mas discordam de um modo diferente, aí se torna bacana permanecer nas RS” (L.).

No período observado L. obteve 2.723 curtidas, 232 comentários e 57 compartilhamentos de suas publicações. Além disso, constam 410 publicações na sua linha do tempo, sendo 70 publicações próprias (como opiniões e fotos da infância), 298

compartilhamentos de postagens de outras pessoas ou páginas e 42 publicações realizadas por amigos e/ou marcações em páginas.

L. destacou que a sociedade atual dispensa muitas horas às RS e particularmente sua participação no FB implica em *“Ser mais uma pessoa que é controlada pela massa. Por exemplo, quando eu falo que sou militante feminista e no meu FB publicam muito sobre o feminismo, eu também sou influenciada por essa massa”*. Os temas recorrentes nas publicações de L. relacionaram-se à política e ao feminismo.

A última participante, R., utiliza a rede semanalmente e dispensa de 1 a 4 horas ao acesso, como mostra a Tabela 3.

Tabela 3 – Utilização do Facebook - Rose.

UTILIZAÇÃO DO FACEBOOK – ROSE			
Frequência de utilização	Semanalmente		
Tempo de acesso	1 a 4 horas		
Quantidade de amigos	Mais de 500		
Quantidade de seguidores	Não consta		
Nº de publicações	26		
	Usuário	Compartilhadas	Outras
	15	10	1
Reações (curtidas)	375		
Comentários	26		
Compartilhamentos	4		

Fonte: Produção própria (2018).

R. utiliza o FB para visualizar, curtir e comentar publicações, além de ler textos. *“Eu fico olhando o q as pessoas estão fazendo [...], vou vendo só as publicações que vão aparecendo, eu não fico pesquisando outras pessoas; vou rolando [o feed] e aí curto, comento, [vejo] textos”*.

No que tange ao tempo que passa utilizando o FB, R. não atribuiu um motivo específico. Contudo, ressaltou que se percebe em uma fase de isolamento, o que contribui para utilização da RS.

“Eu acho que é justamente essa questão do isolamento... Por mais que eu tenha amigos pessoalmente, [fico em casa a maior parte do tempo] e fico no FB olhando. [...] Eu quero me isolar [...] e acho que é justamente o isolamento que propicia eu ficar lá procrastinando. Quando não estou em casa quase não entro no FB mas quando estou em casa uso bastante” (R.).

Não pretendendo reduzir o isolamento de R. a uma explicação única, pode-se inferir que os conflitos familiares contribuem ao uso da RS, uma vez que quando em interação com pessoas externas, reduz a utilização. De acordo com Bauman (2004, p. 84),

Seria tolo e irresponsável culpar as engenhocas eletrônicas pelo lento mas constante recuo da proximidade contínua, pessoal, direta, face a face, multifacetada e multiuso. [...] Não admira que a proximidade virtual tenha ganhado a preferência e seja praticada com maior zelo e espontaneidade do que qualquer outra forma de contiguidade. A solidão por trás da porta fechada de um quarto com um telefone celular à mão pode parecer uma condição menos arriscada e mais segura do que compartilhar o terreno doméstico comum. (BAUMAN, 2004, p. 84).

No perfil de R. constam mais de 500 amigos e a jovem destacou acreditar que possui relacionamentos quantitativamente equivalentes, tanto virtual quanto pessoalmente.

“[Nas RS minhas relações são boas], são mais próximas. Acho que nas RS eu consigo ser mais sociável e pessoalmente não; pessoalmente é mais difícil, eu sou mais retraída. [Não uso o FB para conversar diretamente] mas em comentários e curtidas a gente faz mais o vínculo” (R.).

R. possui 26 publicações em sua linha do tempo, das quais 15 são próprias (como atualização de foto de perfil), 10 foram compartilhadas de outras pessoas ou páginas e houve uma marcação oriunda de uma página. Em suas publicações, R. obteve 375 curtidas, 26 comentários e 4 pessoas compartilharam suas postagens.

A participante explicou que participar do FB significa ter liberdade de expressão e a rede viabiliza que o usuário se torne um intérprete de múltiplos papéis.

“Acho que a gente acaba se sentindo livre para ser o que quiser, a gente acaba inventando algum personagem, alguma coisa que você acredita ser. Às vezes que você tá triste e não quer mostrar [...], você mostra que está alegre ou que está fazendo alguma coisa. É uma máscara que você acaba mostrando para outras pessoas” (R.).

“Pessoalmente é bem mais fácil você saber que a pessoa não é realmente aquilo que ela tá querendo mostrar e no FB não, você não consegue ter todos os dados pra saber” (R.).

Santos e Cypriano (2014, p. 75-76) atestam a fala de R. mencionando as possibilidades das RS. De acordo com eles, as redes “[disponibilizam] [...] um sem número de outras informações e traços individuais que servem para consolidar as marcas identitárias dos participantes”.

4.3 IDEACÕES SUICIDAS

A aplicação da BSI ocorreu no segundo encontro com as jovens. A pontuação individual obtida por cada participante é apresentada na Tabela 4.

Tabela 4 – Escores das participantes na BSI.

ESCORES DAS PARTICIPANTES NA BSI			
PARTICIPANTE	SUBTOTAL 1	SUBTOTAL 2	ESCORE TOTAL
Jasmine	3	7	10
Lily	0	0	0
Rose	1	0	1

Fonte: Produção própria (2018).

Embora não sejam indicadas pontuações classificatórias específicas (CUNHA, 2015), qualquer pontuação diferente de zero no primeiro subtotal merece atenção por sugerir a presença de ideias suicidas (CUNHA et al., 2007). Desse modo, de acordo com o teste e considerando a necessidade de complementar os dados obtidos através da Escala, especialmente pelo seu *status* desfavorável perante o CFP, identificou-se através da entrevista que J. ainda vivencia as ideias suicidas.

A participante está em tratamento psiquiátrico e psicológico contínuo desde a última tentativa de suicídio, em abril de 2017. O diagnóstico da participante é de Transtorno Depressivo com características mistas e foram prescritas as medicações Amitriptilina (25 mg) e Carbonato de lítio (300 mg), cuja administração foi interrompida por iniciativa da jovem.

A presença de desordens mentais não é sugestiva de comportamento suicida, embora o segundo maior fator de risco de suicídio seja a presença de transtorno mental (WHO, 2014). O Transtorno Depressivo é o mais comumente encontrado em pessoas que possuem histórico de ideação e/ou tentativa de suicídio (ibid., 2014), fato confirmado em J.

De acordo com J., a última tentativa de suicídio foi impulsiva, através de medicamentos e esteve *“totalmente ligada a [um relacionamento amoroso]”*.

“[Foi essa pessoa quem puxou o gatilho]. Se não fosse esse gatilho eu não teria tentado, tanto é que eu estava indo para o trabalho, seguindo minha vida normal e eu só voltei porque foi essa pessoa quem disse que ia se matar. Eu voltei, a gente começou a brigar, foi aquele caos, gritaria, aí eu surtei e enquanto ela falava eu tomava os medicamentos” (J.).

Embora tenha interrompido a medicação prescrita, J. relatou que a mantém em posse, além de Olanzapina, para utilização em situações de crise, *“como sedativo mesmo”*.

“Quando acontece um episódio igual recentemente, um término de namoro e eu me senti muito abalada... só que tinha que [ir ao estágio]. Então eu tomei o lítio pra conseguir fazer o que tinha que fazer, e eu consegui fazer, mesmo sabendo que o lítio não estava fazendo efeito porque ele precisa da faixa terapêutica. Mas eu tomei e achei que deu certo” (J.).

“Quando eu penso em [me suicidar, alimento] minha ideação no sentido de tomar medicamento e dormir. Vou tomar Dramin 100 mg. Tomo para evitar o antipsicótico que é muito forte. Tomo Dramin e durmo. Aí eu acordo no outro dia melhor... ou não; ou eu tomo outro, aí fico fugindo até chegar na terapia” (J.).

Na entrevista, J. afirmou que a ideia suicida mais recente ocorreu em setembro de 2018 e na ocasião telefonou a uma amiga, pedindo que esta fosse à sua casa em virtude de *“um quase intento”*. Na Escala, a participante destacou que não planeja um suicídio, fato confirmado na entrevista. Observou-se ainda que J. reconhece a periculosidade dos

pensamentos relacionados ao suicídio e embora tenha afirmado que consegue se controlar quanto a atentar contra a própria vida, ressaltou sentir medo da impulsividade.

“Parece que o suicídio se torna um escape quando você tenta a primeira vez. Então você já sabe onde é a solução definitiva; pra que eu vou tentar continuar com medidas paliativas se já posso finalizar? Vejo dessa forma e é um pensamento muito perigoso. Reconheço o grau de perigo [...] tenho medo dessa impulsividade” (J.).

De acordo com Solomon (2014) as ideias que parecem coerentes no período de ideações suicidas podem apresentar-se sobremodo estranhas posteriormente. O autor realiza um contraste entre a lógica suicida e a ação intensa e controladora que um microrganismo causa ao corpo em um processo inflamatório, evidenciando a impulsividade que pode estar atrelada ao ato. Semelhantemente, J. evidenciou o receio do ato impulsivo, bem como destacou ter realizado publicações no FB que remetiam ao autoextermínio e das quais não se lembra.

A jovem mencionou que já compartilhou virtualmente as ideações suicidas e que em seu perfil no FB havia diversos indícios de que estava “*em declínio*”. Embora tenha ressaltado que, há algum tempo um amigo virtual poderia acalmá-la em situações críticas, atualmente evita compartilhar no FB e/ou com pessoas que não possam ajudar ou ainda com pessoas que já tenham sido ajudadas por ela em situações semelhantes. Antes, prefere buscar ajuda pessoalmente. Acrescentou ainda que sente ter perdido a autonomia, “*o direito de ficar triste*” e “*a identidade virtual*” após a última tentativa de suicídio em que ficou internada, considerando que contar a alguém ou compartilhar algum conteúdo no FB pode levar as pessoas a pensarem que ela irá suicidar-se, o que pode ser percebido como um reflexo do estigma associado ao comportamento suicida (WHO, 2014; TRIGUEIRO, 2015).

“Hoje em dia se vejo algo que reflete meu estado de humor ou algo mais triste, melancólico, eu não compartilho porque acho que as pessoas irão ver e pensar que quero me matar. Só que às vezes nem quero, só estou triste. Ou vejo um texto romanticamente triste, acho bonito, aí evito compartilhar para as pessoas não pensarem que reflete no meu namoro. Evito compartilhar esse tipo de conteúdo hoje” (J.).

A preocupação de J. em compartilhar conteúdos que possam ser interpretados como arruinadores da sua imagem é comum aos utilizadores do FB. De acordo com Gomes e Caniato (2016), a manutenção de posturas pessoais é mais fácil na realidade virtual, visto que as características consideradas reprováveis podem ser ocultadas de determinadas pessoas ou mesmo omitidas, o que é mais difícil pessoalmente.

No FB, no período observado, não foram identificadas manifestações explícitas de ideações suicidas, embora tenham sido publicados conteúdos melancólicos,

corroborando a afirmação da participante sobre sua admiração à melancolia. J. também publicou notícias sobre o suicídio de duas pessoas, expressando pesar e ressaltando a complexidade do fenômeno.

J. relatou passar o “*tempo ocioso*” em uma página destinada a postar perfis de pessoas que já morreram e ela busca principalmente os perfis de suicidas para “*ver se tinha algum indício e aí fico formulando hipóteses e vendo os comentários que as pessoas fazem. E alguns fazem despedidas, outros fazem vídeos e eu fico vendo essas coisas*”. Uma página semelhante à mencionada existiu no Orkut, cujo movimento de usuários consistia em realizar uma “análise retrospectiva de uma ‘enunciação virtual’” (CRUVINEL, 2008, p. 60).

J. ressaltou que frequentemente encontrou “*pedidos de socorro*” nos perfis de suicidas e mencionou ter desenvolvido “*um feeling muito maior*” para perceber essas demandas após sua última tentativa de suicídio. Embora tenha descrito a ajuda dada a um usuário da mesma página que estava prestes a consumir o autoextermínio – de modo que acionou pessoas próximas ao rapaz e estas o impediram em sua residência – a participante declarou a necessidade de se investigar a suposta percepção acurada de questões ligadas ao suicídio. Tal percepção poderia ser análoga a “*quando você quer comprar um carro e vê anúncio de carro em todos os lugares*”.

De acordo com a jovem, os fatores desencadeantes das ideações suicidas seriam problemas relacionais e materiais. Na última tentativa e em uma ideação recente, J. destacou como suscitadores os conflitos interpessoais – especificamente afetivos – que de acordo com a OMS (2014) são fatores relacionais de risco para o suicídio. Embora conflitos relacionais não necessariamente desencadeiem intentos suicidas, podem ser considerados como gatilhos em um contexto complexo condições de risco do suicídio.

J. explicou que, embora o suicídio seja percebido como uma fuga dos problemas “*familiares, financeiros, acadêmicos e profissionais*”, sua mãe não suportaria perdê-la de tal modo. “*Isso é algo que me prende muito; eu não faria pelos meus pais, por isso continuo aguentando e ignorando que eu tenho esse escape*”. Desse modo, a jovem acrescenta que encontra na terapia a única ajuda para evitar os intentos suicidas.

Os escores obtidos pela participante L. na BSI não indicaram presença de ideações suicidas nos últimos sete dias. Contudo, identificou-se que a cogitação do suicídio ainda é recorrente e, embora não planeje consumá-lo, reconhece que pode haver impulsividade em uma tentativa. Durante a entrevista a jovem relatou não possuir diagnóstico de transtorno ou doença e não realizou tratamento psiquiátrico ou fez uso de medicação. L.

destacou que já tentou o suicídio mais de dez vezes e a primeira tentativa ocorreu por volta dos 12 anos de idade. A última tentativa ocorreu no início do ano de 2017.

A participante afirmou que as ideações suicidas foram desencadeadas pelos problemas familiares, principalmente pela “*violência dentro da família*”. Considerando que as primeiras tentativas ocorreram no início da adolescência, Henrique (2017, p. 27) corrobora acerca da dinâmica familiar enquanto protetora e ainda como fator de risco do suicídio pois

Fatores de natureza familiar como psicopatologia parental, história familiar de suicídio ou tentativa de suicídio, mas especialmente fatores relacionados à dinâmica e à qualidade das relações com pais foram associados com ideação e tentativas de suicídio em adolescentes. Constatou-se que diferentes aspectos ou dimensões desta relação foram reportados, tais como: coesão familiar, comunicação pai-adolescente, qualidade do apego com os pais/cuidadores, supervisão e apoio parental.

L. enfatizou já ter compartilhado virtual e pessoalmente sobre a cogitação do suicídio.

“Quando você conversa pessoalmente, você vai vendo a reação da pessoa acerca daquilo que você está verbalizando para ela. Virtualmente eu não tenho claro pra mim; a pessoa pode mandar áudio, emojis, pode mandar um gif de uma reação catastrófica mas eu não sei se pessoalmente é aquilo mesmo. E aí às vezes eu acho que virtualmente ainda pode ser melhor do que pessoalmente porque pessoalmente a gente se depara com pessoas que têm péssimas reações, um tom de voz bastante agressivo quando vai conversar com você, enquanto virtualmente não tem isso” (L.).

Embora a expressão pessoal seja oportunizada e facilitada no contexto virtual (SANTOS; CYPRIANO, 2014), entende-se que podem faltar “[...] um contexto claro para cada enunciado [...]” (RECUERO, 2014, p. 117), e os dados acerca do outro com quem interage (NAGAFUCHI, 2017). Em se tratar da interação, Recuero (2014) ainda ressalta o risco imbuído ao ato pela possibilidade de ofensa e depreciação.

L. relatou que não faz acompanhamento psicológico, porém, realizou psicoterapia aos 15 anos, aos 19 e aos 21 anos. Destacou que as razões da busca pelo tratamento foram “*conflitos familiares, crises existenciais, sofrimento*”. De acordo com ela, o suicídio seria uma forma de fugir dos problemas. A jovem declarou acreditar que “*o amor – de cuidado, de compreensão, de escuta, de atenção, de aceitação*” teriam sido fatores importantes para evitar as tentativas de suicídio.

A necessidade de vínculos seguros, particularmente com os pais, é enfatizada por Bowlby (1989; 2001) como um fator relevante ao desenvolvimento e saúde mental. Por sua vez, Randell et al. (2006) assinalam o risco de suicídio associado à vivência de conflitos familiares enquanto Henderson (1974) menciona o comportamento suicida como um pedido de socorro, especialmente em termos de carência afetiva.

R. nunca tentou o suicídio, porém vivenciou as ideações suicidas durante um mês, em maio de 2018. Na BSI obteve escore 1, o que merece atenção (CUNHA et al., 2007). Embora na entrevista ela tenha afirmado que a primeira e última ocorrência de ideações suicidas ocorreram há cinco meses, observa-se que a jovem se percebe em isolamento desde o mesmo período, o que é um fator de risco de acordo com a OMS (WHO, 2014).

A dificuldade na comunicação com a família e o isolamento podem estar inter-relacionados, bem como a primeira pode contribuir ao segundo e propiciar a opção pelo mundo virtual. De acordo com Leung (2007), recorrer à internet pode ser uma estratégia para reduzir o estresse, com destaque a ferramentas de comunicação interpessoal. Para Bauman (2004), os recursos digitais propiciam segurança e parecem evitar os riscos da convivência.

A participante não possui histórico de doença ou transtorno diagnosticado ou de acompanhamento psicológico. De acordo com ela, os pensamentos relacionados ao suicídio foram suscitados a partir do término de um relacionamento amoroso. Questionada sobre algum fator que poderia ter impedido a ocorrência daquelas ideações, mencionou a *“responsabilidade emocional”*.

“Acho que a pessoa mesmo poderia [ter evitado] porque foi um término muito abrupto, foi de repente. Então acredito que se tivesse sido por meio de uma conversa, se tivesse tido essa responsabilidade emocional acho que eu não teria desencadeado isso porque eu nunca tive nenhum pensamento e essa foi a primeira vez e foi bem nesse evento” (R.).

No período em que vivenciou ideações suicidas, R. alegou não ter compartilhado com outras pessoas. Somente após o fato teria dito a uma amiga. No entanto, percebe que utilizou o FB para publicar conteúdos *“sobre estar triste, sobre depressão”*.

“No FB mais pessoas veem e nem sempre todas vão entender da mesma forma. Às vezes alguém pode se preocupar de verdade, querer saber se aconteceu alguma coisa. Na época até as pessoas chegaram a perguntar, chegaram a mandar mensagem perguntando se tinha acontecido alguma coisa, se eu estava bem” (R.).

A possibilidade de alguém manifestar preocupação com R. a partir da publicação de conteúdos específicos no FB – assim como as intenções suicidas – demonstra o que Henderson (1974) sugere como evocação de cuidados. Longe de incorrer em um reducionismo, foi possível observar nos resultados das participantes as implicações relacionais das ideações suicidas. Embora conflitos interpessoais possam ter funcionado como gatilhos para aquelas que tentaram o suicídio, percebeu-se que as publicações no FB e mesmo uma mensagem enviada por J. convidando amigos para visitá-la no hospital após uma das tentativas de autoextermínio poderiam manifestar implicitamente a necessidade de que alguém se preocupasse.

Ainda evitando a redução da dinâmica das ideações e tentativas de suicídio às relações sociais, observou-se que ambas as participantes destacaram a existência de conflitos – principalmente na família mas também nas relações amorosas –, e isolamento e/ou dificuldade de se relacionar pessoalmente. Embora não se saiba acerca de outras possíveis influências a essas condições ou se alguma delas é de fato causa ou efeito dos comportamentos suicidas (se é que pode-se dizer desse modo), observou-se no estudo que os impasses nas relações contribuíram à precipitação de ideação e/ou tentativa de suicídio.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os dados obtidos através dos instrumentos utilizados na pesquisa verificou-se a corroboração da literatura acerca da socioafetividade. Identificou-se que ambas as participantes atribuíram as ideações suicidas a fatores relacionais, o que não sugere, *a priori*, a fragilização das relações sociais como um todo, visto que elas destacaram a presença de alguns vínculos. Contudo, especialmente no caso de L., a fragilidade dos vínculos familiares foi diretamente associada às tentativas de suicídio, embora, devido à delimitação da pesquisa, não tenham sido exploradas outras variáveis que poderiam estar relacionadas. J. e R. também destacaram fatores do âmbito familiar que são considerados como fatores de risco – conflitos, isolamento (WHO, 2014).

Verificou-se que as três jovens apresentam fragilização dos vínculos familiares e uma delas também manifestou isolamento explícito, afastando-se também de outras relações. Embora a literatura aponte que a fragilização dessas relações pode ser um fator de risco de suicídio (WHO, 2014; TRIGUEIRO, 2015), não seria possível generalizar esse fator às participantes, especialmente pela falta de dados mais precisos sobre o contexto de cada uma delas. A resistência ao suicídio, por outro lado, demonstrou estar associada ao relacionamento com os pais, o que pode ser compreendido como um sentido na vida de J., o que tornaria a impulsão à morte menos convincente (FRANKL, 2016; 2008).

No uso do FB percebeu-se que apenas J. evidenciou ter relações estáveis com amigos exclusivamente virtuais ou com aqueles que já conheceu pessoalmente, o que evidencia o favorecimento das RS aos relacionamentos sólidos. Por outro lado, no discurso de J. e L. também foi enfatizada a facilidade de se desfazer de interações incômodas no FB.

A mediação simbólica foi destacada por L. e R., refletindo a característica presente nas RS de expressão através de *emojis*, *gifs* e imagens, chamando atenção para a possibilidade de mascarar ou omitir expressões (SANTOS; CYPRIANO, 2014; RECUERO, 2012). E embora J., por exemplo, tenha mencionado que omite algumas opiniões no FB em virtude do receio do julgamento, percebeu-se, como ela também ressaltou, que seu perfil na referida RS retrata “*quem eu sou*”. Ou seja, o FB propicia não somente a criação de um perfil idealizado mas também a exposição do perfil real.

No que tange às ideações suicidas, não foram observadas menções específicas no FB das jovens. No entanto, ambas ressaltaram já ter utilizado a ferramenta para compartilhar indícios ou comunicar a alguém sobre a intenção, podendo se caracterizar

como um “*pedido de socorro*” (*J.*) ou o desejo de que alguém demonstre preocupação e apoio (*R.*).

Percebeu-se que o ambiente universitário tem propiciado às jovens a convivência com amigos que, inclusive, desempenharam papel importante na proteção da vida de uma das participantes. Além disso, os grupos – sejam eles de estudos ou outros – também propiciaram um senso de respeito e aceitação relevante à percepção de apoio social das acadêmicas.

Conclui-se que a fragilidade das relações sociais pode ser um fator de risco de suicídio a partir da literatura. Nessa pesquisa, contudo, verificou-se que a fragilidade das relações familiares foi um fator de risco sobrepujante do suicídio. Considerando que a relação familiar é uma relação social, percebe-se que a vulnerabilidade dessa se constitui, portanto, em fator de risco. No entanto, seria relevante a realização de estudos que verificassem acerca dos tipos de relações sociais e sua correlação com o risco de suicídio pois, embora tenham sido identificados os fatores supracitados nessa pesquisa, observou-se que enquanto alguns relacionamentos estavam fragilizados, outros mantinham estabilidade.

As limitações desse estudo decorrem da necessidade de se aprofundar nas variáveis destacadas e relacioná-las a outras (como classe social, gênero, etc.), entendendo que o comportamento suicida é complexo. Além disso, o tempo estipulado para a pesquisa influenciou na redução da amostra prevista, o que poderia fornecer um panorama distinto.

Para melhor compreensão do papel das relações sociais relativamente às ideações e tentativas de suicídio, é sugestivo realizar estudos quantitativos com amostras representativas ou ainda a partir de série de casos – o que possibilitaria aprofundamento nas questões a serem consideradas –, tendo em vista que o tempo de realização do presente trabalho seria escasso para tal objetivo.

REFERÊNCIAS

- AMANTE, L. Facebook e novas sociabilidades: contributos da investigação. In: PORTO, C.; SANTOS, E. (Orgs). **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, pp. 27-46. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/c3h5q/pdf/porto-9788578792831-03.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2018.
- ARAYA, Elisabeth Roxana M.; VIDOTTI, Silvana Aparecida B. G. **Criação, proteção e uso legal de informação em ambientes da World Wide Web** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. ISBN 978-85-7983-115-7. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 07 mai. 2018.
- AVG TECHNOLOGIES. **Digital Abilities Overtake Key Development Milestones for Today's Connected Children**. 2014. Disponível em: <<http://now.avg.com/digital-abilities-overtake-key-development-milestones-for-todays-connected-children>>. Acesso em 01 out. 2018.
- ÁVILA, Lazslo Antonio. Adolescência sem fim. **Vínculo**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 40-45, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902011000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 set. 2018.
- BASSALOBRE, Janete Netto. Das promessas iluministas à servidão. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 443-448, dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000300023&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 set. 2018.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Tradutora: Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D'água, 1991.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Diálogos com Zygmunt Bauman**. Fronteiras do Pensamento. 2011. Disponível em: <<https://www.frenteiras.com/videos/dialogos-com-zygmunt-bauman>>. Acesso em: 30 mai. 2018.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008a.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007a.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida fragmentada**: ensaios sobre a moral pós-moderna. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2007b.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008b.
- BECK, Aaron T.; STEER, Robert A.; RANIERI, William F. Scale for Suicide Ideation: Psychometric properties of a self-report version. **Journal Of Clinical Psychology**, v. 44, n. 4, p. 499-505, jul. 1988. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/1097-4679%28198807%2944%3A4%3C499%3A%3AAID-JCLP2270440404%3E3.0.CO%3B2-6>>. Acesso em: 27 jul. 2018.
- BEE, Helen. **O ciclo vital**. Tradução de Regina Garcez. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- BERTOLOTE, José Manoel; FLEISCHMANN, Alexandra. Suicide and psychiatric diagnosis: a worldwide perspective. **World Psychiatry**, 2002, v. 1, n. 3, p. 181–185. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1489848/>>. Acesso em: 02 out. 2018.
- BIRMAN, Joel. Tatuando o desamparo: a juventude na atualidade. In: CARDOSO, Marta Rezende. **Adolescentes**. São Paulo: Editora Escuta, 2006.
- BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de Psicologia. São Paulo: Saraiva, 1999.
- BOTTON, Alain de. **Alain de Botton - A criação do meu eu**: o desafio do século 21. Fronteiras do Pensamento, 2013. Disponível em: <<https://youtu.be/BoxH807X3xU>>. Acesso em: 30 maio 2018.
- BOWLBY, John. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.
- BOWLBY, John. **Uma base segura**: aplicações clínicas da teoria do apego. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- BRAGA, Luiza de Lima; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. **Contextos Clínicos**, [s.l.], v. 6, n. 1, p.2-14, 1 abr. 2013. UNISINOS - Universidade do Vale do Rio Dos Sinos. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2013.61.01>. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/view/3592/0>>. Acesso em: 02 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprovar diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Seção 1, p. 59-62. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016a. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 24 maio 2016. Seção 1. p. 44-46. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 1.271 de 6 de junho de 2014. Define a Lista Nacional de Notificação Compulsória de doenças, agravos e eventos de saúde pública nos serviços de saúde públicos e privados em todo o território nacional, nos termos do anexo, e dá outras providências. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2014/prt1271_06_06_2014.html>. Acesso em: 01 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos Não Transmissíveis e Promoção da Saúde. Viva: instrutivo notificação de violência interpessoal e autoprovocada. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2016b. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/viva_instrutivo_violencia_interpessoal_autoprovocada_2ed.pdf>. Acesso em: 01 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Suicídio: saber, agir, prevenir. **Boletim epidemiológico**. Brasília, v. 48, n. 30, 2017. Disponível em: <<http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/2017-025-Perfil-epidemiologico-das-tentativas-e-obitos-por-suicidio-no-Brasil-e-a-rede-de-atencao-a-saude.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2018.

CARDOSO, Hugo Ferrari. Evidência de validade para a Escala de Percepção do Suporte Social (versão adulta) – EPSUS-A: um estudo correlacional. 2013. In: _____ . **Construção e estudos psicométricos da Escala de Percepção do Suporte Social (versão adulta) – EPSUS-A**. Tese de Doutorado, Programa de PósGraduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco, Itatiba. 2013. Disponível em: <<http://www.usf.edu.br/galeria/getImage/427/599641468441530.pdf>>. Acesso em: 13 mai. 2018.

CARDOSO, Hugo Ferrari; BAPTISTA, Makilim Nunes. Escala de Percepção do Suporte Social (versão adulta) - EPSUS-A: estudo das qualidades psicométricas. **Psico-USF**, Itatiba, v. 19, n. 3, p. 499-510. Dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712014000300013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 abr. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712014019003012>.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v.15, n. 4, p. 679-684, Dez. 2006. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072006000400017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 mai. 2018.

CARNEIRO, Anna Bárbara de Freitas. Suicídio, religião e cultura: reflexões a partir da obra “Sunset Limited”. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 35, n. 65, p. 15-23, jul. 2013.

Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952013000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 abr. 2018.

CHOU, Hui-tzu Grace; EDGE, Nicholas. “They Are Happier and Having Better Lives than I Am”: The Impact of Using Facebook on Perceptions of Others' Lives.

Cyberpsychology, Behavior, And Social Networking, [s.l.], v. 15, n. 2, p.117-121, fev. 2012. Mary Ann Liebert Inc. <http://dx.doi.org/10.1089/cyber.2011.0324>.

Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22165917>>. Acesso em: 01 out. 2018.

CIGNA. **Cigna 2018 U.S. loneliness index**. CIGNA, 2018. Disponível em:

<<https://www.cigna.com/assets/docs/newsroom/loneliness-survey-2018-fact-sheet.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2018.

COMITÊ CIENTÍFICO DO NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA (NCPI). **Estudo nº 1: O Impacto do Desenvolvimento na Primeira Infância sobre a Aprendizagem**. 2014.

Disponível em: <<https://www.fmcsv.org.br/pt-BR/biblioteca/o-impacto-do-desenvolvimento-na-pi-sobre-a-aprendizagem/?s=impacto,desenvolvimento>>. Acesso em: 06 set. 2018.

COMPTON, Michael T.; THOMPSON, Nancy J.; KASLOW, Nadine J. Social environment factors associated with suicide attempt among low-income African Americans: The protective role of family relationships and social support. **Social Psychiatry And Psychiatric Epidemiology**, [s.l.], v. 40, n. 3, p.175-185, mar. 2005.

Springer Nature. <http://dx.doi.org/10.1007/s00127-005-0865-6>. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15742221>>. Acesso em: 03 out. 2018.

CONDE, Miriam. **O arco-íris de luto: homofobia internalizada e suicídio**. 2016. 92 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – Faces, Brasília, DF, 2016. Disponível em:

<<http://repositorio.uniceub.br/handle/235/10324>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Código de Ética do Profissional Psicólogo**. Brasília: CFP, 2005.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **O Suicídio e os Desafios para a Psicologia**. Brasília: CFP, 2013. Disponível em:

<<https://site.cfp.org.br/publicacao/suicidio-e-os-desafios-para-a-psicologia/>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **RESOLUÇÃO N° 9, DE 25 DE ABRIL DE 2018**: Estabelece diretrizes para a realização de Avaliação Psicológica no exercício profissional da psicóloga e do psicólogo, regulamenta o Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos - SATEPSI e revoga as Resoluções n° 002/2003, n° 006/2004 e n° 005/2012 e Notas Técnicas n° 01/2017 e 02/2017. Brasília: CFP, 2018. Disponível em: <<http://satepsi.cfp.org.br/docs/Resolucao-CFP-n-09-2018-com-anexo.pdf>>. Acesso em: 13 mai. 2018.

COSTA, Jurandir Freire. Narcisismo em tempos sombrios. In: Joel Birman (Org). **Percurso na história da psicanálise**. Rio de Janeiro: Taurus, 1988.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura**: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

COSTA, Rosane de Albuquerque; SILVA, Fernanda Gonçalves da; ARAÚJO, Amanda Milani de Oliveira; PEREIRA, Renata Andrade Santos; TEIXEIRA, Camila Del Guerso da Silva; PEREIRA, Taisa da Silva Barbosa. Avaliação psicológica do suicídio no Brasil. **Revista Estação Científica**. Centro Universitário Estácio de Juiz de Fora. Edição Especial VII Seminário de Pesquisa da Estácio e III Jornada de Científica da UNESA. Juiz de Fora, p.1-20, 2º semestre 2015. Disponível em: <http://portal.estacio.br/media/4623/avaliacao_psicologica_do_suicidio_no_brasil.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2018.

CRUVINEL, Monica Vasconcellos. **Rastros virtuais de uma morte (a)enunciada**: uma análise dos discursos do suicídio pelas páginas "brasileiras" do Orkut. 2008. 198 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270937>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

CUNHA, Jurema Alcides da (Org.). **Psicodiagnóstico-V**. 5. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUNHA, Jurema Alcides da. **Manual da versão em português das escalas de Beck**. 16ª reimpressão da 1. ed. de 2001. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DONATO, Manuella Riane A.; MELO, Vico Denis S. de. O Pensamento Iluminista e o Desencantamento do Mundo: Modernidade e a Revolução Francesa como marco paradigmático. *Revista Crítica Histórica*. Ano II, n. 4, 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/2776>>. Acesso em: 16 set. 2018.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio**: estudo de sociologia. São Paulo: EDIPRO, 2014Martins Fontes, 2000.

EMERSON, Ralph Waldo [1803-1882]. **Prudence**. New York, San Francisco: Morgan Shepard Company, 1906. Disponível em: <<https://archive.org/details/prudence00emer>>. Acesso em: 08 set. 2018.

ENGLISH OXFORD LIVING DICTIONARIES. **Word of the Year 2013**. 2013. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2013>>. Acesso em: 01 out. 2018.

ERIKSON, Erik Homburger. **Identidade: juventude e crise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

ESFAHANI, M., HASHEMI, Y., ALAVI, K. Psychometric assessment of beck scale for suicidal ideation (BSSI) in general population in Tehran. **Medical Journal of the Islamic Republic of Iran**, 2015. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4715388/>>. Acesso em: 12 mai. 2018.

FACEBOOK. **Como faço para criar uma conta do Facebook?** Central de ajuda. Criar uma conta. 2018a. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/help/570785306433644/?helpref=hc_fnav>. Acesso em: 01 out. 2018.

FACEBOOK. Our History. Facebook Newsroom. 2018b. Disponível em: <<https://newsroom.fb.com/company-info/#our-history>>. Acesso em: 07 mai. 2018.

FACEBOOK. Our Mission. Facebook Newsroom. 2018c. Disponível em: <<https://newsroom.fb.com/company-info/>>. Acesso em: 07 mai. 2018.

FEELUNIQUE.COM. **Make Up Your Selfie**. Research conducted by OnePoll. 2015. Disponível em: <<http://www.onepoll.com/project/feelunique-com-make-up-your-selfie/>>. Acesso em: 01 out. 2018.

FORTES, Carolina Coelho. O Conceito de Identidade: considerações sobre sua definição e aplicação ao estudo da História Medieval. **Revista Mundo Antigo**, Ano II, v. 2, n. 04, dez. 2013. Disponível em: <<http://www.nehmaat.uff.br/revista/2013-2/artigo01-2013-2.pdf>>. Acesso em 09 set. 2018.

FRANKL, Victor Emil. **Psicoterapia y humanismo**. Primera edición electrónica. Madrid: Fondo de Cultura Económico, 2016. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Psicoterapia_y_humanismo.html?id=inmDDAAAQBAJ&redir_esc=y>. Acesso em: 07 dez. 2018.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Petrópolis: Vozes, 2008.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, p. 139-152, 2004. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2004000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 mai. 2018.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. 1914. In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas Volume 12**: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FROTA, Ana Maria Monte Coelho. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, jun. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812007000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 mar. 2018.

GASPAR, Ricardo Carlos. A trajetória da economia mundial: da recuperação do pós-guerra aos desafios contemporâneos. **Cadernos Metrópole.**, São Paulo, v. 17, n. 33, p. 265-296, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-99962015000100265&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 set. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2015-3312>.

GASPARI, Vanessa Paola Povolo. **Rede de apoio social e tentativa de suicídio**. 2002. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2002. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/313310?mode=full>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDENBERG, Mirían. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GOLDSMITH, S. K.; PELLMAR, T. C.; KLEINMAN, A. M.; BUNNEY, W. E. (Eds.). **Reducing suicide**: A national imperative. Washington, DC, US: National Academies Press, 2002. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK220939/>>. Acesso em: 01 out. 2018.

GOMES, Vinicius Romagnolli Rodrigues. Adolescentes na contemporaneidade: desamparo e laços fragilizados em meio aos "ideais" da sociedade de consumo. 2014.

Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá. **Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes**, Maringá, 2014. Disponível em: <<http://nou-rau.uem.br/nou-rau/document/?code=vtls000220922>>. Acesso em: 11 mar. 2018.

GOMES, Vinicius Romagnolli Rodrigues; CANIATO, Ângela. Adolescentes na contemporaneidade: desdobramentos subjetivos do (des)investimento no virtual. **Contextos Clínic.**, São Leopoldo, v. 9, n. 1, p. 133-146, jun. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822016000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 nov. 2018.

GOTSSENS, Mercè et al. Validación de la causa básica de defunción en las muertes que requieren intervención medicolegal. **Revista Española de Salud Pública**, [s.l.], v. 85, n. 2, p.163-174, abr. 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1135-57272011000200005>. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21826379>>. Acesso em: 02 out. 2018.

GREENFIELD, David. As propriedades de dependência do uso de internet. 2011. In: YOUNG, Kimberly S.; ABREU, Cristiano Nabuco de. **Dependência de Internet: Manual e Guia de Avaliação e Tratamento**. Porto Alegre, RS: ArtMed, 2011.

GREGOLIN, Maria do Rosario Valencise. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3967>>. Acesso em: 14 mai. 2018.

HABERMAS, Jürgen Habermas [1929]. **O discurso filosófico da modernidade: doze lições**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HENDERSON, Scott. Care-Eliciting Behaviour in Man. 1974. In: JACOB, Caroline; ADSHEAD, Gwen (Eds.). **Personality Disorder: The Definitive Reader**. London: Jessica Kingsley Publishers, 2008.

HENRIQUE, Vilma Valéria Dias Couto. **Vínculo a pais e pares e comportamento suicida em adolescentes**. 2017. 134 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/31039>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal: 2016**. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua. Rio de Janeiro: IBGE, 2018a. 16p. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101543>>. Acesso em: 01 out. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). População jovem no Brasil. **Estatísticas**. 2018b Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/populacao/9292-populacao-jovem-no-brasil.html?&t=o-que-e>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

KARNAL, Leandro. O impacto das redes sociais na vida das pessoas. Programa Ponto a Ponto – BAND News. 20 mar. 2017. Território do Conhecimento. 22 mar. 2017. Disponível em: < <https://youtu.be/2EkrD3eNe5c>>. Acesso em: 11 set. 2018.

KEMP, Simon. **Social media use jumps in Q1 despite privacy fears**. Special reports. We are social. 2018. <<https://wearesocial.com/blog/2018/04/social-media-use-jumps-in-q1-despite-privacy-fears>>. Acesso em: 01 out. 2018.

KRUG, Sammi. **Recurso Reações agora disponível globalmente**. Facebook Newsroom Brazil. 2016. Disponível em: <<https://br.newsroom.fb.com/news/2016/02/recurso-reacoes-agora-disponivel-globalmente/>>. Acesso em: 10 set. 2018.

LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro, RJ: IMAGO EDITORA LTDA., 1983.

LEUNG, Louis. Stressful life events, motives for internet use, and social support among digital kids. **Cyberpsychology & Behavior**, [s.l.], v. 10, n. 2, p.204-214, abr. 2007. Mary Ann Liebert Inc. <http://dx.doi.org/10.1089/cpb.2006.9967>.

LIPOVETSKY, Gilles. **Entrevista: Gilles Lipovetsky aborda o papel do consumo na atualidade**. Globo Universidade. 2012. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2012/10/entrevista-gilles-lipovetsky-aborda-o-papel-do-consumo-na-atualidade.html> >. Acesso em: 16 set. 2018.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Interações**, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 31-44, jun. 2002. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072002000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 set. 2018.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. Tradução de Rubens Enderle e Francisco Fontanella. São Paulo: Boitempo, 2006.

MOLINARI, Fernanda. Socioafetividade: a importância de seu reconhecimento e valorização. **Direito e Democracia**, Canoas, v. 13, n. 2, p. 107-117. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/direito/article/view/2650/1873>>. Acesso em: 06 set. 2018.

NAGAFUCHI, Thiago. **Um réquiem feito de silêncios: suicídio, gênero e sexualidade na Era Digital**. 2017. Tese (Doutorado em Saúde, Ciclos de Vida e Sociedade) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6136/tde-16062017-104229/es.php>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

NASCIMENTO, Geysa Cristina Marcelino. **A perspectiva familiar diante da revelação da orientação homossexual de jovens e adultos**. 2018. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2018. Disponível em: <<http://bdtd.uftm.edu.br/handle/tede/547>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. A passagem interna da modernidade para a pós-modernidade. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 82-93, Mar. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000100010>. Acesso em: 06 mai. 2018.

OLIVEIRA, Patrícia Jesus de; TORRES, Livia Guimarães Aragão. O Narcisismo e sua representação na Sociedade de Consumo: Uma análise do filme "Delírios de Consumo de Becky Bloom". **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v.6, n.13, p.122-127, 2014. Disponível em: <<http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/1663>>. Acesso em: 11 set. 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A Análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: **Anais do 10 Seminário de Estudos em Análise de Discurso**, 2003. Porto Alegre, UFRGS; 2003. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/1SEAD/Conferencias/EniOrlandi.pdf>>. Acesso em: 14 mai. 2018.

ORNISH, Dean. **Amor & sobrevivência: a base científica para o poder curativo da intimidade**. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Tradução de Carla Filomena Marques Pinto Vercesi et al. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PASQUALI, L. (Org.). **Técnicas de exame psicológico – TEP**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de; MENDONÇA, Fernando Wolff. **Psicologia do Desenvolvimento**. 3. ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

PINTO, Ana Estela de Sousa. Brasileiro diz que juventude acaba aos 37 e velhice começa aos 64. **Cotidiano**. Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/11/1938234-brasileiro-diz-que-juventude-acaba-aos-37-e-velhice-comeca-aos-64.shtml>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

PONDÉ, Luiz Felipe. **Zygmunt Bauman e a Pós-Modernidade**. Programa Invenção do Contemporâneo. CPFL Cultura, 2006. Disponível em: <<http://www.institutocpfl.org.br/play/zygmunt-bauman-e-a-pos-modernidade-luiz-felipe-ponde/>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

PRIOSTE, 2013. **O adolescente e a internet: laços e embaraços no mundo virtual**. Tese. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

RANDELL, Brooke P. et al. Family Factors Predicting Categories of Suicide Risk. **Journal Of Child And Family Studies**, [s.l.], v. 15, n. 3, p.247-262, 12 maio 2006. Springer Nature. <http://dx.doi.org/10.1007/s10826-006-9020-6>. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s10826-006-9020-6>>. Acesso em: 02 out. 2018.

RECUERO, R. A rede é a mensagem: Efeitos da Difusão de Informações nos Sites de Rede Social. In: Eduardo Vizer. (Org.). **Lo que Mcluhan no previu**. 1. ed. Buenos Aires: Editorial La Crujía, 2012, v. 1, p. 205-223. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/redemensagem.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

RECUERO, Raquel. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**, [s.l.], v. 28, n. 68, p.114-124, 7 jun. 2014. UNISINOS - Universidade do Vale do Rio Dos Sinos. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2014.28.68.06>>.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. Disponível em: <<http://www.ichca.ufal.br/graduacao/biblioteconomia/v1/wp-content/uploads/redessociaisnainternetrecuero.pdf>>. Acesso em: 08 mar. 2018.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet: Considerações Iniciais**. Trabalho enviado para o Núcleo de Pesquisa (NP-08) de Tecnologias da Comunicação e Informação do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da XXVII INTERCOM, 2004. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/intercom2004final.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

RODRIGUES, Marta M. Assumpção. Suicídio e sociedade: um estudo comparativo de Durkheim e Marx. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 12, n. 4, p. 698-713, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142009000400006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 abr. 2018.

ROSA, Gabriel Artur Marra e; SANTOS, Benedito Rodrigues dos. Repercussões das redes sociais na subjetividade de usuários: uma revisão crítica da literatura. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 4, p. 913-927, dez. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000400010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 abr. 2018.

ROYAL SOCIETY FOR PUBLIC HEALTH (RSPH). **#StatusofMind**: Social media and young people's mental health and wellbeing. London: Royal Society For Public Health,

2017. Disponível em: <<https://www.rsph.org.uk/our-work/campaigns/status-of-mind.html>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

SANTOS, Francisco Coelho dos; CYPRIANO, Cristina Petersen. Redes sociais, redes de sociabilidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 29, n. 85, p. 63-78, 2014. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092014000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 out. 2018.

SARASON, Irwin. G.; LEVINE, Henry M.; BASHAM, Robert B.; SARASON, Barbara R. Assessing social support: the social support questionnaire. **Journal of Personality and Social Psychology**, 1983, Vol. 44, n. 1, p. 127-139.

SAWYER, Susan M.; AZZOPARDI, Peter S.; WICKREMARATHNE, Dakshitha; PATTON, George C. The age of adolescence. **The Lancet Child & Adolescent Health**, jan. 2018. Disponível em:

<[http://www.thelancet.com/journals/lanchi/article/PIIS2352-4642\(18\)30022-1/fulltext](http://www.thelancet.com/journals/lanchi/article/PIIS2352-4642(18)30022-1/fulltext)>. Acesso em: 24 fev. 2018.

SLOAN, Tod. Globalização, pobreza e justiça social: papéis para os psicólogos. In: GUZZO, Raquel Souza Lobo; LACERDA JÚNIOR, Fernando (Orgs.). **Psicologia Social para América Latina: o resgate da psicologia da libertação**, Campinas, SP: Editora Alínea, 2009

SOLOMON, Andrew. **O demônio do meio-dia: uma anatomia da depressão**. Tradução Myriam Campello. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SOUZA, Nei Ricardo de. Sobrevivendo ao suicídio: estudo sociológico com famílias de suicidas em Curitiba. Dissertação. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2005.

TABOADA, Nina G.; LEGAL, Eduardo J.; MACHADO, Nivaldo. Resiliência: em busca de um conceito. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento humano**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 104-113, dez. 2006. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822006000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 dez. 2018.

TEIXEIRA, Irenides. **Fotografias pessoais no Facebook: corpos e subjetividades em narrativas visuais compartilhadas**. 2014. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/16419>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

TRIGUEIRO, André. **Viver é a melhor opção: a prevenção do suicídio no Brasil e no mundo**. São Bernardo do Campo, SP: Correio Fraternal, 2015.

TWENGE, Jean M. et al. Increases in Depressive Symptoms, Suicide-Related Outcomes, and Suicide Rates Among U.S. Adolescents After 2010 and Links to Increased New Media Screen Time. **Clinical Psychological Science**, [s.l.], v. 6, n. 1,

p.3-17, 14 nov. 2017. SAGE Publications.
<http://dx.doi.org/10.1177/2167702617723376>. Disponível em:
<<http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/2167702617723376>>. Acesso em: 30 set. 2018.

VALENTINE, Olivia. **Top 10 Reasons for Using Social Media**. Chart of the day. GlobalWebIndex, 2018. Disponível em: <<https://blog.globalwebindex.com/chart-of-the-day/social-media/>>. Acesso em: 01 out. 2018.

VICENTE, Cristiana de Brito. Redes sociais online e consumos culturais: Facebook, um estudo de caso. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação) - **Instituto Universitário de Lisboa**, Lisboa, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/5158>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

VIEIRA, Kay Francis Leal; COUTINHO, Maria da Penha de Lima. Representações sociais da depressão e do suicídio elaboradas por estudantes de psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 28, n. 4, p. 714-727, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000400005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 mai. 2018

WALDINGER, Robert. **What makes a good life?** Lessons from the longest study on happiness. TEDxBeaconStreet. 2015. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/robert_waldinger_what_makes_a_good_life_lessons_from_the_longest_study_on_happiness>. Acesso em: 03 out. 2018.

WHO. **Preventing suicide: a global imperative**. World Health Organization, 2014. Disponível em: <<http://www.who.int/iris/handle/10665/131056>>. Acesso em: 11 mai. 2018.

WHO. **Suicide data**. Mental health. World Health Organization, 2018. Disponível em: <http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/suicideprevent/en/>. Acesso em: 15 mai. 2018.

WILENS, Timothy E.; ROSENBAUM, Jerrold F. Transitional Aged Youth: A New Frontier in Child and Adolescent Psychiatry. **Journal Of The American Academy Of Child & Adolescent Psychiatry**, [s.l.], v. 52, n. 9, p.887-890, set. 2013. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jaac.2013.04.020>. Disponível em: <[https://jaacap.org/article/S0890-8567\(13\)00331-6/fulltext](https://jaacap.org/article/S0890-8567(13)00331-6/fulltext)>. Acesso em: 01 out. 2018.

APÊNDICES

Apêndice A – Declaração de Instituição Coparticipante

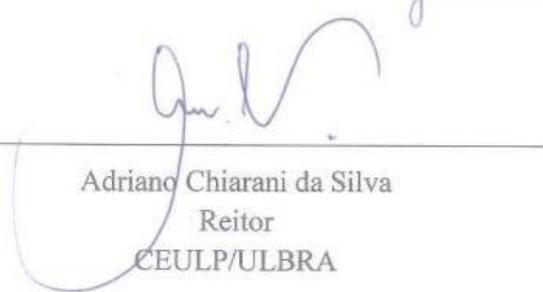
**CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO PARTICIPANTE

Eu, Adriano Chiarani da Silva, abaixo assinado, responsável pela instituição Centro Universitário Luterano de Palmas/Universidade Luterana do Brasil (CEULP/ULBRA), participante no projeto de pesquisa intitulado: FRAGILIDADE DAS RELAÇÕES SOCIAIS COMO FATOR DE RISCO DE SUICÍDIO EM UNIVERSITÁRIOS USUÁRIOS DO FACEBOOK, que está sendo proposto pela pesquisadora Aline Figueredo de Araújo, vinculada à instituição supracitada, DECLARO ter lido e concordar com a proposta de pesquisa, bem como conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Norma Operacional CONEP 001/13, a Resolução CNS 466/2012 e suas complementares. Esta instituição está ciente de suas co-responsabilidades e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes, dispondo de infraestrutura necessária, para a garantia a realização das ações previstas no referido projeto, visando à integridade e proteção dos participantes da pesquisa.

Palmas, 30 de julho de 2018.



Adriano Chiarani da Silva
Reitor
CEULP/ULBRA

Apêndice B – Declaração de Instituição Coparticipante



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO PARTICIPANTE

Eu, Fernanda Gomes de Oliveira, abaixo assinado, responsável pela instituição Serviço de Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA), participante no projeto de pesquisa intitulado: FRAGILIDADE DAS RELAÇÕES SOCIAIS COMO FATOR DE RISCO DE SUICÍDIO EM UNIVERSITÁRIOS USUÁRIOS DO FACEBOOK, que está sendo proposto pela pesquisadora Aline Figueredo de Araújo, vinculada à instituição CEULP/ULBRA, DECLARO ter lido e concordar com a proposta de pesquisa, bem como conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Norma Operacional CONEP 001/13, a Resolução CNS 466/2012 e suas complementares. Esta instituição está ciente de suas co-responsabilidades e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes, dispondo de infraestrutura necessária, para a garantia a realização das ações previstas no referido projeto, visando à integridade e proteção dos participantes da pesquisa.

Palmas, 25 de julho de 2018.

Fernanda Gomes de Oliveira

Fernanda Gomes de Oliveira
Coordenadora do SEPSI
Psicóloga
Coordenadora do SEPSI
CRP 23/1476

Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

*Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL*

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: **FRAGILIDADE DAS RELAÇÕES SOCIAIS COMO FATOR DE RISCO DE SUICÍDIO EM UNIVERSITÁRIOS USUÁRIOS DO FACEBOOK**. O presente estudo trata-se de uma pesquisa aplicada em campo, de natureza qualitativa e objetivo metodológico exploratório. Quanto ao procedimento metodológico, trata-se de uma pesquisa de levantamento. Os dados serão coletados a partir de Entrevista Semiestruturada, observação dos perfis no Facebook e aplicação da Escala de Ideação Suicida de Beck (BSI) e do Questionário redes sociais e consumos culturais: Facebook como agenda cultural, adaptado para essa pesquisa.

O objetivo desse trabalho é identificar se a fragilidade das relações sociais e o uso ativo de redes sociais são fatores de risco de suicídio em jovens universitários. Para isso, o estudo busca responder à pergunta: “A fragilidade das relações sociais e o uso ativo de redes sociais por universitários podem vir a ser potenciais fatores de risco em intentos suicidas?”. Estudar esse assunto é importante pois alguns relacionamentos socioafetivos podem ser frágeis, instáveis, e se eles superam a existência de relacionamentos estáveis, a saúde mental pode ser prejudicada. Portanto, a sua participação no estudo é importante para ajudar a entender se esses fatores influenciam na ocorrência de algum tipo de sofrimento ou ideações suicidas. Considerando que há altos índices de suicídio na população jovem, a pesquisa se justifica porque as relações sociais estáveis são um dos fatores que podem minimizar a possibilidade do suicídio.

Os encontros serão realizados em uma sala privada do Serviço de Psicologia do CEULP/ULBRA, localizado na Avenida Juscelino Kubitschek, Quadra 108 Norte, Alameda 12, Lote 10, Palmas – TO, de acordo com os dias e horários disponibilizados por você. Os procedimentos de coleta dados serão da seguinte forma: primeiro, você será solicitado a adicionar a pesquisadora em sua lista de amigos do Facebook, para que ela observe os dados dos 60 dias anteriores e dos 30 dias seguintes à adição na lista, a saber, as informações pessoais (como trabalho, relacionamentos e acontecimentos), quantidade

Assinatura do participante

Assinatura da orientadora

Assinatura da pesquisadora

de amigos, interesses, publicações na linha do tempo, interação com outras pessoas através de marcações, comentários e curtidas. Você também responderá, no primeiro encontro individual com a pesquisadora (que pode durar até uma hora), a 21 questões da Escala de Ideação Suicida (BSI) – que demonstram aspectos sobre pensamentos suicidas – e ao Questionário redes sociais e consumos culturais: Facebook como agenda cultural – que ajudará a descrever como você utiliza o Facebook. Além disso, será realizada uma Entrevista Semiestruturada, no segundo encontro, que terá duração de até duas horas. Serão feitas perguntas sobre você, suas relações familiares e com outras pessoas, uso do Facebook e pensamentos suicidas. Para que as informações sejam registradas de modo integral, será utilizado um gravador de áudio, além das anotações que a pesquisadora fará. A gravação de voz é somente para que suas respostas sejam transcritas fielmente e, como todos os aspectos dessa pesquisa, será mantida sua privacidade e a gravação será excluída após a transcrição. Haverá também um terceiro encontro, com duração de até uma hora, no qual você será informado sobre os resultados obtidos até então. Porém, você também tem direito a acessar os resultados completos, quando o trabalho estiver finalizado.

Em decorrência da pesquisa, você pode sentir desconforto emocional e pode se sentir frustrado quanto aos seus relacionamentos sociais. Porém, essa pesquisa pode te ajudar a ser encaminhado a serviços que forneçam ajuda nesses e em outros aspectos que porventura lhe causem desconforto. Outras pessoas podem também ser ajudadas através dos resultados do trabalho.

Se você apresentar sofrimento mental ou emocional, pode recorrer à pesquisadora Aline ou à orientadora da pesquisa, Dra. Irenides Teixeira, a qualquer momento, através de e-mail ou telefone. Além disso, será encaminhado ao Núcleo Alteridade ou ao Serviço de Psicologia do CEULP/ULBRA, onde poderá receber atendimento psicopedagógico e psicológico, ou ao atendimento do Centro de Atenção Psicossocial.

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

As pesquisadoras irão tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados do trabalho serão enviados para você e permanecerão confidenciais. Seu nome ou o material que indique a sua participação não serão liberados sem a sua permissão. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Assinatura do participante

Assinatura da orientadora

Assinatura da pesquisadora

Uma cópia deste consentimento informado será arquivada no Curso de Psicologia do CULP/ULBRA e outra será fornecida a você.

A participação no estudo não acarretará custos para você. Caso seja necessário, os custos do deslocamento até o local da pesquisa serão arcados pelas pesquisadoras. No caso você sofrer algum dano decorrente dessa pesquisa, as pesquisadoras arcarão com as despesas.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE

Eu, _____ fui informado(a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão se assim o desejar. A professora orientadora Irenides Teixeira e a pesquisadora Aline certificaram-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais.

Também sei que caso existam gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa. Em caso de dúvidas poderei chamar a estudante **Aline Figueredo de Araújo no telefone e/ou e-mail (63)99200-5693 / alinefigueredopsi@gmail.com**, ou a professora orientadora **Irenides Teixeira no telefone e/ou e-mail (63)99994-3446 / irenides@gmail.com**. Para reclamações e maiores esclarecimentos, posso também procurar o **Comitê de Ética em Pesquisa do CEULP/ULBRA**, situado à **Avenida Teotônio Segurado 1501 Sul Palmas - TO CEP 77.019-900, telefone (63)3219-8076**.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Palmas – TO, _____ 2018.

Assinatura do Participante

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura da Orientadora

Apêndice D – Entrevista Semiestruturada

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA (Baseada em estudos de Cardoso e Baptista (2014) e Ornish (1998))

1. Dados pessoais

Nome: _____ Idade: _____ Sexo: _____
Período da graduação: _____ Profissão: _____
Você possui histórico de doença e/ou transtorno (diagnosticado ou não)?

Você já realizou ou realiza algum tratamento psicológico, psiquiátrico ou outro? Há quanto tempo e durante quanto tempo?

Faz uso de medicação? Qual/quais?

2. Composição familiar

Você poderia especificar quem compõe seu grupo familiar e idades?

3. Relações sociais (I)

Você poderia me falar sobre as atividades que desempenha (eventual ou rotineiramente, a título de estudos, trabalho, lazer e/ou outros)?

Com quais pessoas você conta para realizar alguma das atividades citadas? (CARDOSO, BAPTISTA, 2014)

Você participa de algum grupo social (de trabalho, religioso ou outros)? Com qual frequência? (CARDOSO; BAPTISTA, 2014; ORNISH, 1998)

Como percebe sua participação nesse(s) grupo(s)?

4. Relações sociais (II)

Você poderia me falar sobre seus relacionamentos com seus familiares? (pessoalmente ou através do Facebook)

Qual a sua percepção da relação dos seus familiares com você?

Você poderia me falar sobre seus relacionamentos com outras pessoas fora do seu grupo familiar? (pessoalmente ou através do Facebook)

Qual a sua percepção da relação dessas pessoas com você?

5. Redes sociais

Quais ações realiza durante o acesso ao Facebook?

Qual sua percepção sobre suas relações estabelecidas no Facebook e suas relações fora do Facebook?

Se você mensurar, possui mais relacionamentos através do Facebook ou fora do Facebook?

Você utiliza outras ferramentas virtuais para se relacionar com outras pessoas?

Quais são as suas relações mais satisfatórias? E as mais insatisfatórias?

Quais são as relações mais satisfatórias para você: as pessoais ou aquelas através do Facebook?

6. Relações sociais (III)

Com quem você pode contar: (CARDOSO; BAPTISTA, 2014; ORNISH, 1998)

- Para conversar (independentemente do assunto)? Conversa pessoalmente ou pelo Facebook?

- Para sair ou realizar alguma atividade?

- Quando precisa de ajuda ou está com problemas?

- Quando precisa compartilhar seus sentimentos?

Como avaliaria suas relações sociais (interpessoais) em uma escala de 1 a 5? (1 – péssimo, 2 – ruim, 3 – regular, 4 – bom, 5 – ótimo)

Você tem alguém que realmente se importa com você? Quem? (É um contato pessoal ou através do Facebook?) (ORNISH, 1998, p 35).

Em quem você pode confiar? (É um contato pessoal ou através do Facebook?) (ORNISH, 1998, p 35).

7. Ideações suicidas

Você poderia me falar quando foi a sua primeira ocorrência de ideação e/ou tentativa de suicídio? E a última?

Você já compartilhou com alguém os seus pensamentos e sentimentos relacionados ao suicídio?

Você já os compartilhou através do Facebook? (*Existe alguma diferença entre compartilhar esses pensamentos e sentimentos pessoalmente e compartilhá-los através do Facebook? (*ou de outros meios virtuais)

Você acredita que algo desencadeou ou desencadeia em você as ideias suicidas? O quê?

Obrigada pela sua participação!

ANEXOS

Anexo A – Declaração do Pesquisador Responsável

**CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Eu, Irenides Teixeira, abaixo assinado, pesquisadora responsável envolvida no projeto intitulado: FRAGILIDADE DAS RELAÇÕES SOCIAIS COMO FATOR DE RISCO DE SUICÍDIO EM UNIVERSITÁRIOS USUÁRIOS DO FACEBOOK, **DECLARO** estar ciente de todos os detalhes inerentes a pesquisa e **COMPROMETO-ME** a acompanhar todo o processo, prezando pela ética tal qual expresso na Resolução do Conselho Nacional de Saúde – CNS nº 466/12 e suas complementares, assim como atender os requisitos da Norma Operacional da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP nº 001/13, especialmente, no que se refere à integridade e proteção dos participantes da pesquisa. **COMPROMETO-ME** também a anexar os resultados da pesquisa na Plataforma Brasil, garantindo o sigilo relativo às propriedades intelectuais e patentes industriais. Por fim, **ASSEGURO** que os benefícios resultantes do projeto retornarão aos participantes da pesquisa, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa.

Palmas, 30 de julho de 2018.

Irenides Teixeira

Irenides Teixeira

Psicóloga- CRP 23/463

Irenides Teixeira
Psicóloga no CRP 23/463
CPF. 574.869.051-91